

The image features a minimalist abstract design. At the top, there are two large brown circles. Below them, a smaller brown circle is centered. At the bottom, a yellow triangle points upwards, containing a small brown circle at its apex. The text 'OPERAÇÕES ESPIRITUAIS' is printed in a bold, brown, sans-serif font across the yellow triangle.

**OPERAÇÕES
ESPIRITUAIS**

Urbano Pereira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

OPERAÇÕES ESPIRITUAIS

(TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU)

DO MESMO AUTOR:

Nós e o Universo — Prefácio de Monteiro Lobato — Cia. Editora Nacional — São Paulo — 1942

Compêndios de Física — 3 volumes — Livraria Acadêmica — São Paulo — 1942.

Problemas e Trabalhos Práticos de Física — Livraria Acadêmica — São Paulo — 1942.

Curso de Física — Livraria Acadêmica — São Paulo — 1945.

Capa: RUBENS GERMINHASI

DIREITOS RESERVADOS

URBANO PEREIRA

OPERAÇÕES ESPIRITUAIS

(TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU)

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Caixa Postal, 110 — 13.600 — ARARAS — SP
C.G.C. 44.220.101/0001 Insc. Est. 182.010.405

APRESENTAÇÃO

Este livro foi editado pela primeira vez em 1946 sob o título de *TRABALHOS POST-MORTEM DO PADRE ZABEU*, não tendo sido reeditado.

É, portanto, um livro pouco divulgado, o que não premeia, convenientemente, a excelência e a importância do trabalho que foi realizado, de um lado pelos Espíritos que presidiram os fenômenos aqui relatados e, de outro, pelas pessoas que empreenderam as pesquisas e prestaram, publicamente, seu testemunho.

Quanto ao seu Autor, que não era espírita mas pesquisador e estudioso, e que soube analisar friamente os fatos, sem preconceitos ou exigências descabidas, a primeira edição, nas *orelhas* da capa, traçou-lhe ligeiramente o perfil com as seguintes palavras:

“Urbano Pereira não é um nome desconhecido em nossos meios culturais. Ex-catedrático de Física do Colégio Estadual de Taubaté, contribuiu com alguns dos melhores compêndios com que conta nossa bibliografia didática nessa disciplina. Inteligência voltada para a Ciência pura e para a Filosofia espiritualista, deu-nos uma notável síntese do fenômeno Vida em todos os seus aspectos. Nós e o Universo é um livro, na verdade, de rara beleza, pela visão poética que nos oferece dos mistérios da existência universal. O autor nos fala de coisas transcendentais com a simplicidade e a segurança só encontráveis nos grandes mestres. Dele, disse Monteiro Lobato em prefácio a *“Nós e o Universo:”* Temos, em suma, em Urbano Pereira um elemento da nossa composição mental indígena que estava tardando a aparecer: um verdadeiro filósofo moderno. O filósofo moderno é algo muito mais modesto que o filósofo ao tipo clássico, construtor de tremendos sistemas lógicos. O filósofo moderno é um *avant coureur* do cientista, isto é, um homem que se localiza nas fronteiras da ciência e, com base nas aquisições desta, vai antecipando conclusões inevitáveis. Neste gênero, Urbano Pereira é o nosso número um.”

Foi, pois, sobre uma mentalidade de tal envergadura que recaiu a escolha do inspirador desta obra que hoje damos ao público, no sentido de sua elaboração. Urbano Pereira a inicia com as seguintes palavras, que por si só representam um convite à meditação: “Este livro foi escrito a pedido de um *fantasma*”.

Quanto ao Espírito do Padre Zabeu, entidade conhecidíssima daqueles que se interessam pelos fenômenos de efeitos físicos, assim se expressou o autor:

“O Padre Zabeu manifestou-se à primeira dessas reuniões (Cfe. ata 7-11-44), apresentando-se como diretor espiritual dos trabalhos e dirigindo-se aos presentes por voz direta”.

Faz orações e recomendações sobre as obras de assistência e caridade, pelas quais demonstra grande interesse. Recusa-se a dar uma identificação pessoal verificável, informando apenas ter vivido na Terra há muitos anos; depois de “desencarnar” viu-se em grandes atrapalhões e agora se propõe, por esses estranhos meios, a fazer algum bem para compensar o que não fez durante a vida. Está subordinado a seres muito mais poderosos e perfeitos do que ele e só pode agir segundo as instruções recebidas. Na produção dos fenômenos, utiliza-se de muitos auxiliares, “químicos do espaço”, e outros mais, ligados ao mundo físico. E ao lado dessas e outras informações inverificáveis, diz pilhérias, palestra com todos, demonstrando grande vivacidade de pensamento e acuidade intelectual. Não envereda pelos caminhos da metafísica e da religião.”

O livro encerra um documentário precioso, firmado sobre o depoimento de pessoas respeitáveis que fiscalizaram e constataram os fenômenos sob os mais rígidos controles, bem como fotografias que foram tomadas durante os trabalhos e de peças modeladas pelos Espíritos.

A operação principal foi uma apendicectomia praticada pelo Espírito do Dr. Luiz Gomes do Amaral, médico desencarnado em Bauru, que se materializou e levou a cabo o ato operatório dentro da melhor técnica, na presença de outros médicos, inclusive um seu filho, que assistiram o paciente na sua convalescença e prestaram depoimentos insuspeitos da realidade do fenômeno.

Este livro, portanto, “não é obra de sectarismo, mas palpitante documentário de que a vida humana se cerca de fatos de origem extra-normal, que a Ciência vai catalogando com fria objetividade.”

Por essa razão, o Instituto de Difusão Espírita, devidamente autorizado pelo *Lar de Velhos Irmã Terezinha*, de Pindamonhangaba, que lhe cedeu graciosamente os direitos autorais, está reeditando tão precioso trabalho, para que continue a esclarecer, pelos fatos inegáveis que registra, a quantos ainda duvidem da realidade do mundo espiritual e da sua interpenetração com o mundo físico.

OS EDITORES

INTRODUÇÃO

I

Este livro foi escrito a pedido de um *fantasma*.

Em Pindamonhangaba, entre 8 e 10 horas da noite, um grupo de homens se reúne numa sala pequena e modesta. Sentam-se em cadeiras dispostas em semi-círculo e ligam-se entre si por um cordel para que um não se mova sem que os outros o percebam. Num cubículo ao lado encontra-se o médium, algemado de mãos e pés e solidamente acorrentado de modo a não poder levantar-se.

Na saleta, completamente às escuras, acende-se uma luz vermelha; ninguém tocara no interruptor. Surge o fantasma. Transparente, luminescente, deslizante. Deixa-se tocar, fala, torna-se ora mais nítido, ora mais desvanecido. Inventa um nome para si — Padre Zabeu. Faz proezas e dirige as proezas de outros fantasmas, como adiante iremos narrar.

Padre Zabeu é alegre, diz pilhérias e pede-nos para escrever seus feitos. Daí a razão deste livro, com o título dado por ele.

II

Muita gente não acredita em fantasmas e tem medo deles; outros acreditam e não têm medo. Mas essa história de crer ou não crer mudou muito, desde Galileu. Crer ficou sendo sinônimo de saber, e saber quer dizer verificar ou tomar conhecimento de alguma verificação feita por homens capazes.

Experimentar — eis a questão. Hoje toda gente sabe disso. Muitos, entretanto, sabem-no teoricamente apenas. Na prática, não adotam ainda o método de Galileu; não acreditam em fantasmas. Acreditam nos mestres. A Ciência, pensam, é criação de mentalidades de escol e todavia não fala em fantasmas. Os sistemas filosóficos representam as mais altas elucubrações dos expoentes máximos da espécie e, se alguns deixam transparecer a possibilidade da existência deles, outros a negam terminantemente. As religiões afirmam que os fantasmas existem. Mas... ora, as religiões ... E o problema permanece insolúvel para a maioria.

Entretanto, há um meio para resolvê-lo: filosofar. Não eruditamente, conforme os métodos escolásticos, mas com simplicidade. Filosofar como toda gente, por conta própria. Para isso é naturalmente útil reunir elementos, buscar todos os conhecimentos cabíveis. Assim posto, o problema pode ser resolvido.

III

A filosofia é o resultado do assombro (*wonder*), disse um dos maiores filósofos contemporâneos. Nós todos, homens assombrados, perplexos diante do mistério da existência, somos constrangidos a filosofar. Formar um sistema coerente e lógico no qual se enquadrem todos os fatos da nossa experiência — eis o problema.

Se essa experiência se limita aos fatos sensoriais, o problema é simples; não se produz o assombro. A perplexidade começa quando a inteligência colabora com os sentidos como fonte de conhecimentos.

A Ciência nos mostra então como o Universo é diferente daquilo que os sentidos nos fazem crer. Mas, a Ciência, prudente e sóbria, evita as escaladas; não busca horizontes mais amplos do que os desvendados pelos seus métodos particulares. Não apresenta solução para o problema do assombro — deixa-nos muito aquém do alvo.

Para avançar mais, precisamos praticar um alpinismo mental, escalando, por veredas estreitas, as alturas da metafísica. Os grandes vultos da filosofia, criadores de sistemas, fizeram isso. Mas escalaram picos diferentes, divisando horizontes muito vastos, cada qual de um ponto de vista diverso, e daí a aparência contraditória de suas conclusões. Não podemos aceitar passivamente um desses pontos de vista particulares; temos todos experiências pessoais que não se enquadram neles. Nenhum, pois, resolve a nossa perplexidade.

Precisamos ir além. Há ainda um recurso para isso — a religião. A dificuldade está na escolha, uma vez que existem várias, apresentando-se cada qual como o único caminho certo. Acresce que todas elas têm uma doutrina esotérica simplista, ingênua sob certos aspectos, que afasta os espíritos impacientes, pouco afeitos à análise das primeiras impressões. Certo, porém, é que se um estudo mais atento desse aspecto da experiência humana for feito com sinceridade, uma luz jorrará daí e iluminará mais intensamente o caminho seguro da Ciência, como as veredas estreitas da filosofia.

E nós, os homens constringidos a filosofar, se após isso não conseguirmos vencer o assombro, poderemos pelo menos nos certificar da possibilidade de vencê-lo. Poderemos crer em homens muito puros, gigantes espirituais, quando afirmam ter alcançado planos da existência onde a perplexidade cessa. Poderemos, enfim, transformar a atividade cega em esforço orientado.

IV

Em todas as vias do conhecimento humano devemos colher dados necessários à compreensão do problema. Antes de percorrê-las, porém, é mister considerar certas dificuldades, apenas aparentes, mas capazes de tolher a marcha aos menos precavidos.

A principal delas é a linguagem. A mesma idéia fundamental expressa-se por diferentes termos; daí surgem desentendimentos e intermináveis perlengas. Tomemos, por exemplo, a palavra Deus. A idéia correspondente é definida por mentalidades de escol: Deus é tudo o que é, diz S. Tomás de Aquino, é o Uno Inefável do Neo-Platonismo e o Brahman Indizível do Hinduísmo. A idéia assim definida não pode ser contestada até mesmo pelo mais exaltado materialista. Um poder onipresente se revela por detrás de cada forma; uma causa eficiente se revela por detrás de cada organismo; algo que transcende a capacidade e a compreensão humana é imanente no Universo. Nesse algo “vivemos, e nos movemos, e temos nossa existência”.

Vale a idéia e pouco importa criar palavras mais ou menos eruditas para explicar o inexplicável, ou sofismar o incontestável. Deus é a melhor palavra para expressar a idéia em apreço. É necessário, apenas, não infantilizar seu significado. Então o problema, de aparência tão substancial, da sua existência ou não existência, se desvanece. Muitas outras controvérsias perdem de igual modo todo sentido se pensarmos com idéias, não com palavras.

Outra dificuldade é o cérebro, na sua função de filtro ou de anteparo. Ao afastar da consciência todas as questões não aplicáveis às situações presentes, ele faz avultar os conhecimentos atuais e relega para o inconsciente outros mais distantes. Indispensável uma forte percepção para manter todos os fatos conhecidos presentes e coesos ao tentar-se a síntese geral.

Opiniões preconcebidas, crenças arraigadas, generalizações precipitadas, são outras tantas dificuldades inibidoras de conclusões coerentes.

V

Prevenidos contra essas dificuldades, podemos começar a nossa análise com os meios limitados do senso comum. Olhamos à nossa volta: vemos um mundo maravilhoso; luzes, cores, sons e formas produzem ações e reações agradáveis ou desagradáveis para nós. Sabemos que seres surgem de um germe, crescem, vivem, morrem. Se estamos no escuro, em silêncio sentimos apenas uma existência, que somos nós mesmos.

Temos aí material suficiente para começar; coisas tangíveis, concretas, evidentes. Tão evidentes que alguns vêem nisso a única realidade. Chamam-se materialistas. Crêem na existência da matéria e da energia. Energias conhecidas e energias hipotéticas, condicionadoras da vida.

Luzes, cores, sons e formas são efeitos de energias conhecidas. Somos o efeito de ambas as espécies nomeadas. Na morte há uma energia hipotética que desaparece — a energia vital, causa do metabolismo. No sono há outra forma que sai da cena — a energia psíquica, causa das reações conscientes às excitações externas e das ações voluntárias. Mas isso não é tudo. Um conjunto de matéria, energia vital e energia psíquica, constitui apenas um animal. Somos alguma coisa mais; temos algo capaz de raciocinar, de procurar conhecer-se, de preocupar-se com a Verdade. Por coerência, chamaremos esse algo — energia mental.

Essas várias formas de energia ora se manifestam todas, e eis então o estado normal de vigília, ora se ocultam. Na morte, todas desaparecem da cena; a matéria fica só e o corpo se desagrega. No sono, a matéria e a energia vital permanecem agindo; as outras desaparecem. Ressurgem, ao despertar, idênticas ao que eram antes.

Esse desaparecer e reaparecer não pode significar destruição; as leis de conservação da Física e da Química se opõem a isso. Transformam-se. A vida nada mais é que incessante transformação. Se na interação da matéria e da energia vital reside ou não a causa do psiquismo, isso é questão secundária; a energia psíquica difere de ambas em suas potencialidades e manifestações. O que importa é haver aí algo real que exige um nome.

Uma vez estabelecido isso, as controvérsias sobre o materialismo tornam-se, até este ponto, mera questão de palavras. Os nomes de energia vital, psíquica e mental, apropriados a esse sistema, são diferentes em outros. Corpo etéreo ou vital, corpo astral ou de desejos, corpo mental e causai, são os nomes usados pelos teósofos e pelos cultores das ciências ditas ocultas. Corpo, alma e espírito são as designações empregadas pelo apóstolo dos gentios. Corpo, perispírito e espírito formam a nomenclatura espírita; perispírito corresponde à energia vital e espírito engloba os demais elementos superiores do nosso ser. As idéias são as mesmas. O materialismo não pode ser contestado nesse terreno; é, até esse ponto, um sistema lógico e racional.

O senso comum pode contentar-se com isso e prosseguir pela vida a fora como um espírito positivista, ou pode desejar esclarecer melhor o assunto. Neste caso, só uma questão permanece em foco: a energia que deixou de manifestar-se no mundo físico ao ocorrer a morte, e que não pode ter-se extinguido, continua individualizada, ou não? Antes de empreender investigações nesse sentido, faz-se mister verificar se há no universo da Ciência oficial lugar para tais individualidades sem corpo físico.

VI

A Ciência produz tremendos abalos na estrutura do mundo construído pelo senso comum. A realidade mais evidente dessa estrutura é a matéria. Vejamos como a Ciência interpreta essa realidade.

Há muitos anos a Química reduziu as três centenas de milhares de substâncias conhecidas a apenas noventa e duas substâncias elementares. Com tais elementos combinados entre si formam-se todos os corpos do mundo, como todas as palavras são formadas com as vinte e cinco letras do alfabeto.

Há poucos anos a Física bombardeou os átomos desses elementos, reduzindo-os a um pequeno número de partículas que o amor à simetria limita a três — o elétron, o pósitron e o nêutron. O elétron e o pósitron são cargas elétricas antagônicas. Ora se apresentam como partículas, ora como ondas; matéria e energia — dois aspectos da mesma realidade. Os nêutrons só têm massa; são matéria inerte concentrada.

Um nêutron e um pósitron se juntam e um elétron gira vertiginosamente ao redor do núcleo assim formado; isso corresponde a um átomo de hidrogênio — o mais simples e o mais leve dos elementos. Duzentos e trinta e cinco a duzentos e trinta e oito nêutrons se juntam a noventa e dois pósitrons e formam outro núcleo ao redor do qual turbilhonam noventa e dois elétrons em órbitas definidas; isso é um átomo de urânio, o mais complexo e o mais pesado dos elementos, hoje tristemente célebre com a função que o obrigaram a desempenhar na bomba atômica.

Os átomos são imensamente grandes em relação aos corpúsculos componentes. Se imaginarmos o núcleo do átomo de hidrogênio como tendo o tamanho de uma cabeça de alfinete, o elétron satélite seria um turbilhão da mesma ordem de grandeza, girando a mais de um metro de distância do núcleo. As moléculas que constituem o mais denso dos corpos sólidos estariam separadas, nessa escala, por três ou quatro metros de distância. A matéria é essencialmente vazia.

Esse vazio, porém, não é o nada; tem existência real e propriedades intrínsecas. O nada é uma abstração geométrica. O espaço entre os átomos manifesta a existência de campos de força que apresentam certa analogia com os campos magnéticos, elétricos e de gravidade. Tais campos mantêm os corpúsculos unidos e dão estabilidade às estruturas.

Na escala acima uma pedra daria a impressão de uma porção de grãos de areia espalhados pelo espaço e separados de três a quatro metros uns dos outros. A matéria tão substancial para os nossos sentidos se reduz a isso. Não são os corpúsculos, ainda materiais, que a tornam impenetrável; essa propriedade é consequência da interação entre os campos da força.

Se admitirmos a possível existência de corpúsculos insensíveis aos campos de força característicos da matéria, a impenetrabilidade não existirá para eles. Se esses corpúsculos hipotéticos formassem corpos, encontrariam amplo espaço vital dentro do nosso mundo. Outras formas de existência tão concretas como as da nossa experiência atual, podem coexistir aqui, e agora sem interferir com a nossa. Tal hipótese, inadmissível com a matéria substancial da Ciência do século passado, é perfeitamente razoável com a matéria quase abstrata da Ciência de hoje.

Os fenômenos da energia radiante corroboram a hipótese. A energia radiante é essencialmente uma perturbação periódica do espaço físico, ou éter, que se propaga com velocidade fantástica. A frequência da perturbação, isto é, o número de suas repetições num segundo, determina a forma de manifestação. Entre determinados limites de frequência a radiação tem a propriedade de impressionar a nossa retina e causar a sensação de luz. As frequências menores correspondem à luz vermelha, e as maiores à violeta; as demais cores correspondem às frequências intermediárias. Aquém e além de tais limites a radiação perde a influência sobre a retina; a luz passa a ser

denominada raio infra-vermelho e onda hertziana quando a frequência diminui, e raio ultra-violeta, raio-X; raio gama, raio cósmico, quando a frequência aumenta. Os nossos sentidos são insensíveis a todas estas radiações. Para evidenciá-las, são necessários dispositivos especiais, como os aparelhos de rádio para as ondas hertzianas, as chapas fotográficas, os anteparos luminescentes e outros. Um quarto completamente escuro para nós, pode estar cheio de radiações. Outros seres sensíveis a elas verão claro onde nós só vemos trevas.

Convém ainda considerar não ser a energia radiante apenas vibração; tem uma natureza corpuscular e massa, como a matéria. Entretanto, átomos e fótons se interpenetram. Formas bem distintas na aparência, a matéria e a energia são apenas gradações do mesmo fenômeno fundamental. O universo material do senso comum perdeu o sentido para a Ciência.

O materialismo pode continuar lógico e racional, dentro dos limites positivistas. Tal, porém, não é o comportamento de algumas altas expressões da Ciência moderna. Está havendo uma rápida mudança de atitude. A mais positiva das ciências, a Física, progrediu muito quando a análise matemática se sobrepôs à lógica tradicional; mas, por fim, estacou de novo; emaranhada nos símbolos. Perdeu o contacto com a realidade. A espiritualização da Ciência vai-se impondo cada vez mais, como única solução possível para o impasse.

Diz James Jeans: “A Ciência nos conduziu a um véu de símbolos; o que divisamos por detrás desse véu é de natureza puramente mental e espiritual... Existe hoje pleno acordo quanto ao fato da corrente dos acontecimentos não se dirigir para uma realidade mecânica; o Universo começa a parecer mais um grande pensamento do que uma imensa máquina. A mente não mais surge como uma intrusa acidental no reino da matéria; começamos a suspeitar que devemos antes saudá-la como a criadora e governadora desse reino... Descobrimos que o Universo torna patente a existência de um poder que concebe e domina e tem algo de comum com as nossas mentes individuais”.

E Eddington: “As fontes puramente objetivas do elemento objetivo em nosso conhecimento já foram nomeadas: são vida, consciência, espírito. ... Alcançamos a posição da filosofia idealista, como oposta à materialista... No fim de nossa jornada, em vez de chegar a um pico solitário, chegamos a um arraial de crentes, que nos dizem — é isso justamente o que há muito estamos afirmando”.

E Luiz De Broglie: “Existe uma verdade última para a qual, sob uma forma que não podemos prever, hão de convergir um dia os esforços dos apaixonados da Ciência e os dos servidores do Espírito”.

E Max Planck: “Nunca haverá oposição real entre Religião e Ciência; uma é o complemento da outra... Não é por simples acidente que os maiores pensadores de todas as épocas têm sido espíritos profundamente religiosos, embora não façam alarde de tais sentimentos”.

É bem significativa a mudança de rumo verificada na ciência da matéria e da energia. A possibilidade da existência dos mundos espirituais, afirmada em todos os tempos por homens merecedores de confiança, pelo caráter como pela inteligência, foi sendo desprezada à medida que aumentavam os conhecimentos da ciência incipiente. No século passado e princípios deste não havia mais lugar para outros mundos dentro do universo da Ciência. Conquistas alucinadoras de alguns segredos da natureza ofuscaram os cultores da razão humana. O mecanismo se apresentava então como uma hipótese tão solidamente fundamentada que as experiências espiritualistas foram completamente relegadas e esquecidas.

Entretanto, essa hipótese tão sólida foi rapidamente abalada pelo desenvolvimento da própria Ciência. Enorme brecha se abriu, através da qual se pode divisar um mundo novo. Um mundo complementar necessário ao nosso mundo sem sentido. O espiritualismo, como hipótese, tem atualmente o mesmo valor desfrutado pelo materialismo do século passado, com a diferença de serem hoje as bases muito mais profundas.

Um novo caminho, cheio de promessa, abre-se aos pesquisadores do futuro. Fecha-se um ciclo. A humanidade, escrava da fé na Idade das Trevas (Deus habita nas trevas, disse o sábio), abandonou-a para escravizar-se à razão. Começa hoje a admitir a intuição; Bergson já a estabeleceu como fonte do conhecimento filosófico. E a intuição sublimada é a fé. Razão, Intuição, Fé, são faculdades humanas complementares. Quando pudermos usá-las plenamente, venceremos o assombro.

VII

A Religião é uma questão de experiência. Como todas as demais fontes de conhecimento, ela tem fundamentos bem estabelecidos. Esses fundamentos são a existência, no Universo, de algo superior ao Homem; algo relacionado com as nossas faculdades mais elevadas — razão, inteligência, vontade criadora.

Nas experiências normais de nossa existência cotidiana, o Homem surge como o mais alto Ser na escala da vida. Não encontramos aí evidência tangível de formas de existências superiores. A razão humana, exacerbada pelo próprio valor, exige provas para admitir tais existências como possíveis. As afirmações dogmáticas nada demonstram. As experiências místicas são estranhas demais para convencer; dependem de faculdades peculiares, confundíveis com meras perturbações psíquicas ou metabólicas.

Tal é o aspecto da questão para a humanidade de hoje. As religiões sofreram a injunção de todas as fraquezas e imperfeições humanas, e perderam terreno; não puderam conter o racionalismo dominador. A humanidade debate-se num mundo sem sentido; perdeu a noção dos valores eternos, essenciais para dar uma significação à vida.

Só um poder superior ao humano poderia reformar essa mentalidade deformada. E esse poder vem-se manifestando. Seres escravizados a fatos, só por fatos podem ser convencidos. E os fatos vêm-se apresentando. Os fenômenos espíritas são esses fatos, cuja freqüência e intensidade crescem dia a dia. Nenhum outro processo elucidativo aplicar-se-ia melhor às condições imperantes na Terra.

Um mundo espiritual muito semelhante ao nosso se manifesta ali de modo insofismável. As provas desta afirmação podem ser encontradas nos inúmeros livros referentes ao assunto. Livros de caráter científico, como os de metapsíquica, e livros de caráter religioso-sectário, como os espíritas. Observações rigorosas, testemunhos insuspeitos de mentalidades incontestavelmente capazes, são encontrados às centenas. Os fatos narrados neste volume são apenas, para nós, uma experiência pessoal confirmadora de inúmeras outras semelhantes, muitas observadas em condições bem mais rigorosas e favoráveis.

A experiência tem demonstrado não se chegar por tais meios a revelações transcendentais. São processos muito terra-a-terra, demasiadamente materiais para receber os influxos diretos de existências puramente espirituais. O mundo espiritual que se manifesta nessas experiências revela-se muito semelhante ao nosso mundo humano. Seres imperfeitos como nós; alguns ainda imersos nas trevas da ignorância; outros de grande elevação moral, com qualidades intelectuais notáveis; seres bons e maus, cultos e incultos. Individualidades bem definidas, inconfundíveis com as dos

experimentadores, sentem-se tão ou mais realmente vivas e despertadas do que nós. Acumulam provas de outras modalidades de existência que tanto a Ciência como a Filosofia de hoje tornam viáveis.

Esse conhecimento é a base fundamental necessária para a experiência religiosa. Degrau inicial, como os ritos e as fórmulas, os holocaustos e outros atos exteriores, da escada conducente ao plano mais alto da Religião.

O efeito dos fenômenos espíritas seria, sem dúvida, muito mais eficaz e benéfico, se, em vez de combatidos, negados ou deformados por parte dos responsáveis pela orientação espiritual da humanidade, fossem, ao contrário, esclarecidos e divulgados. Muitos homens de boa vontade poderiam, então, com menor esforço, avançar mais no rumo da Verdade; não estacionariam distraídos pelo fogo-fátuo de maravilhas que não levam a parte alguma, nem se apoiariam confiantes em formalismos inócuos.

HISTÓRICO

As experiências supra-normais narradas neste livro tiveram início entre um grupo espírita-kardecista¹ na cidade de Pindamonhangaba, Estado de São Paulo. As primeiras manifestações de efeitos físicos e a divulgação dos fatos que se seguiram chamaram a atenção de pessoas estranhas ao grupo, algumas estudiosas de tais fenômenos, e outras, completamente alheias, até então, ao assunto, ou mesmo inteiramente negativistas. O testemunho de todas² é unânime quanto à realidade dos fenômenos.

As sessões se desenvolvem num ambiente espírita-kardecista. Entre os observadores, porém, há católicos, protestantes, homens de mentalidade positivista que não consideram o aspecto religioso da questão, e, finalmente, homens que têm a religião como um sentimento íntimo, cabível em todas as Igrejas, e acima delas.

As precauções tomadas nas sessões, se não foram, dadas as circunstâncias, tão rigorosas como as

adotadas em certos meios científicos internacionais, foram, todavia, suficientes para excluir a hipótese de truques ou fraude consciente. Aliás a maior garantia contra isso é sempre a sinceridade e responsabilidade moral dos experimentadores. E essas qualidades, tanto quanto é possível afirmar dentro do juízo humano, não podem ser negadas a nenhum dos assistentes ou dos médiuns em causa.

Para evitar repetições enfadonhas e desnecessárias na narração dos fenômenos, passamos a descrever a ordem geral seguida nos trabalhos experimentais.

(a) A sala é previamente examinada; as portas fechadas a chave e cobertas com cortinas espessas; as janelas fechadas com ferrolhos e inteiramente recobertas com um pano escuro pregado num quadro de madeira. Não há possibilidade normal de entrada ou saída de seres vivos ou de objetos sem que as pessoas presentes o percebam.

(b) O médium é manietado com forte e justa algema de metal, fechada a cadeado, ficando a chave em poder dos experimentadores. Senta-se numa poltrona colocada contra a parede do fundo da sala ou cabine armada com cortinas escuras. Em casos de dúvida, o médium é algemado de mãos e pés com aparelhos de ferro e acorrentado à poltrona ou a uma maca colocada na cabine. As correntes e algemas são ligadas com cadeados de segurança e as chaves confiadas a um dos experimentadores. Não é possível ao médium sair do seu lugar ou levantar-se por qualquer meio normal imaginável.

(c) Os assistentes sentam-se em cadeiras dispostas em semi-círculo em frente ao médium. Geralmente, forte cordel sem emendas é passado através de uma casa do paletó dos assistentes e respectivas cadeiras, ficando as duas pontas seguras por um dos experimentadores. Qualquer movimento mais pronunciado de um é assim percebido pelos outros.

(d) Entre os assistentes e o médium, fora do alcance de todos, colocam-se vitrolas, discos, cornetas acústicas, quadros luminescentes e outros objetos.

(e) Apagam-se as luzes, faz-se silêncio. O diretor dos trabalhos inicia a sessão recitando alto uma prece (O Padre-Nosso e uma oração propiciatória). Forma-se o ambiente mental de expectativa. Logo em seguida ouve-se dar corda à vitrola; um disco é colocado (geralmente, a Ave-Maria); a vitrola é posta em movimento. Um fato deve ser notado neste início: em completa escuridão ouve-se o disco girar e a agulha é colocada precisamente no começo da gravação. Quando, no decorrer dos trabalhos, a música termina, o disco é trocado ou recomeçado, e mais corda imprime-se à vitrola.

¹ Ver Apêndice.

² Idem.

Tais operações realizam-se com perfeita segurança. Seguem-se então os vários fenômenos narrados. Durante o fenômeno da voz direta e das materializações à luz vermelha, a vitrola é parada.

(f) As vozes manifestantes ordenam quando a sessão deve terminar. O diretor faz a prece de encerramento. Acendem-se as luzes. O médium em geral se encontra em estado de letargia ou transe, e desperta com passes. Os cadeados são examinados e abertos. Lavra-se uma ata registrando as ocorrências e as impressões dos assistentes.

EFEITOS FÍSICOS

FASE INICIAL

As primeiras manifestações de efeitos físicos realizaram-se em sessões do Grupo Espírita Luiz Gonzaga, que se reunia regularmente numa dependência da casa do sr. Mário Amadei para estudo do Evangelho e da doutrina. O grupo se compunha de dez a doze pessoas, todas espíritas convictas. Os trabalhos eram dirigidos pelo sr. Arnaldo Amadei, que ocupava a cabeceira da mesa; o sr. Francisco Antunes Bello, médium de notáveis faculdades, ocupava o lugar à direita do diretor da sessão; os demais membros presentes ocupavam os outros lugares à volta da mesa. Havia no recinto, que media três e meio por cinco metros, uma prateleira com livros espíritas, uma pequena mesa junto à parede dos fundos e sobre ela uma vitrola. Porta fechada a chave e luzes apagadas. Nenhum outro cuidado especial era tomado para controle dos fenômenos. Fazia-se uma prece inicial e aguardavam-se os acontecimentos.

Ouviam-se pancadas e estalos nos móveis. Por meio de sinais tiptológicos entabulavam-se conversações com a causa inteligente de tais ruídos, que dava instruções e informações sobre a progressiva intensificação das manifestações e sobre os seus operadores espirituais. Pequenos objetos, como livros e discos, eram levitados de seus respectivos lugares e entregues a vários dos presentes. As portinholas da vitrola várias vezes foram abertas e fechadas com certa violência (Cfe. ata 20-5-44). A água contida num copo foi borrifada sobre os assistentes (Cfe. ata 27-5-44). O médium em transe foi arrastado com a cadeira à volta da mesa e levitado até que os pés desta tocassem os ombros de um dos presentes (Cfe. ata 9-6-44). Pedacos de tijolos, não existentes antes no recinto, caíram com estrondo sobre a mesa e no chão, onde foram encontrados depois de acesas as luzes (Cfe. atas 1 e 22-7-44). Um galho de laranjeira com um pequeno fruto foi transportado para dentro do recinto e entregue a um dos assistentes (Cfe. Ata 1-7-44).

CONTROLE DO PADRE ZABEU

1.a FASE

Em novembro de 1944 realizaram-se os primeiros trabalhos nas condições de controle anteriormente especificadas, em presença de observadores não pertencentes ao grupo espírita.

VOZ DIRETA

O Padre Zabeu manifestou-se à primeira dessas reuniões (Cfe. ata 7-11-44), apresentando-se como diretor espiritual dos trabalhos e dirigindo-se a vários dos presentes por “voz direta”. Essa voz, independente do médium, é por si só um fenômeno muito convincente. Tem um timbre inconfundível com a de qualquer das pessoas presentes, dando a impressão de partir de alguém que se postasse de pé dentro do semi-círculo formado pelos assistentes. Passeia pela sala, aproximando-se e afastando-se dos interlocutores e do médium. Nenhum ruído de passos, farfalhar de roupas ou outro sinal denunciador do movimento de uma pessoa. A voz, às vezes, é muito fraca e, outras, perfeitamente normal; o riso, muito característico. Faz orações e recomendações sobre as obras de assistência e caridade, pelas quais demonstra grande interesse. Recusa-se a dar uma identificação pessoal verificável, informando apenas ter vivido na Terra há muitos anos; depois de “desencarnar” viu-se em grandes atrapalhões e agora se propõe, por esses estranhos meios, a fazer algum bem para compensar o que não fez durante a vida. Está subordinado a seres muito mais poderosos e perfeitos do que ele e só pode agir segundo as instruções recebidas. Na produção dos fenômenos, utiliza-se de muitos auxiliares, “químicos do espaço”, e outros mais, ligados ao mundo físico. E ao lado dessas e outras informações inverificáveis, diz pilhérias, palestra com todos, demonstrando grande vivacidade de pensamento e acuidade intelectual. Não envereda pelos caminhos da metafísica e da religião. Sua voz torna-se menos intensa quando as condições do ambiente são desfavoráveis e quando a concentração mental dos assistentes se enfraquece. A voz do Padre Zabeu tem o mesmo timbre e as mesmas inflexões quando se manifesta em outros grupos experimentais e com outros médiuns. Essa verificação da independência do ser que se manifesta em relação aos assistentes, foi estabelecida por depoimentos de visitantes ocasionais que prontamente lhe reconheceram a voz (Cfe. ata 26-11-44).

PANCADAS E SINAIS TIPTOLÓGICOS

Em algumas sessões ouvem-se fortes palmas no ar. Estalos, como os produzidos com os dedos médio e polegar, são frequentes em vários pontos da sa'.a. Tais sinais se produzem quando a concentração se enfraquece; diz o Padre Zabeu perder as forças nessas ocasiões, emitindo então aqueles sinais de advertência. O efeito do ambiente mental formado pelos assistentes sobre esses fenômenos, como sobre os de ectoplasmia” tem sido notado com grande evidência. As preces feitas, ao ouvirem-se os estalos convencionais, parecem ter como objetivo dirigir para o mesmo rumo os pensamentos que divagavam; sua ação sobre a intensidade dos fenômenos é imediata-Fortes estalos nos móveis e em diversos pontos da sala são ouvidos com frequência, algumas vezes a vários metros de qualquer das pessoas presentes. Informações são obtidas por meio desses sinais, fazendo-os coincidir com as letras do alfabeto.

LEVITAÇÃO E DESLOCAÇÃO DE OBJETOS

Em todas as sessões a vitrola é posta a funcionar em condições que tornam praticamente inadmissível a intervenção de qualquer das pessoas presentes, e menos ainda a do médium. O aparelho é mantido fechado e os discos nos envelopes sobre a mesa, ou no respectivo armário. Percebe-se o ruído peculiar à sua abertura, o correspondente ao da manivela da corda, quase sempre girada com certa violência, o da separação dos discos e sua colocação sob o diafragma, cuja agulha baixa certa sobre as primeiras notas da gravação. Todos esses movimentos são executados com precisão e segurança — a sala completamente às escuras. Determinados discos são escolhidos e tocados em tais condições.

Uma vitrola portátil, pesando cerca de quatro quilos, pintada com substância fosforescente, foi levitada até quase a altura do forro, aproximou-se de cada um dos assistentes e voltou depois para a mesa, onde pousou com muita precisão. Várias vezes a vitrola pairou no ar, à altura de dois metros e meio, mais ou menos, com o disco tocando lentamente, por esgotamento da corda; ouvia-se então, nessas condições, a manivela girar com muita firmeza e o disco ganhar de novo velocidade (Cfe. atas 6 e 8 - 12-44). As cornetas acústicas fosforescentes deslocam-se pelo ar e vêm tocar nos assistentes, batendo-lhes nos ombros e na cabeça.

MATERIALIZAÇÕES

Sentiram os observadores, freqüentes vezes, sobre os ombros e joelhos, batidas e contactos de mãos perfeitamente sólidas. Não raro essas mãos foram tocadas e apalpadadas (Cfe. atas 7 e 11-11-44). A temperatura era, geralmente, normal, e em outras ocasiões bastante fria.

TRANSPORTES

Em determinada sessão, o médium, depois de revistado e algemado, ficou durante todo o tempo sob o controle de um dos experimentadores, que para esse fim se sentara junto dele. Um livro, que não se achava no recinto, conforme previamente se verificara, foi transportado e atirado ao solo durante a sessão. Padre Zabeu anunciara esse fato em sessão anterior, fornecendo ainda o nome e endereço do proprietário do livro, residente em São Paulo e desconhecido dos presentes. Essa procedência, embora admitida como possível pela pessoa nomeada, não pôde ser satisfatoriamente estabelecida. Apenas se constatou o aparecimento do livro no recinto, em condições anormais (Cfe. ata 16-12-44). Em outra sessão, a água potável contida num copo sobre a mesa foi esparzida sobre os assistentes e um perfume agradável e forte espalhou-se pelo recinto (Cfe. ata 18-11-44).

Um fenômeno de grande evidência repetiu-se em varias ocasiões. O médium achava-se algemado, como habitualmente. As algemas que lhe prendem os pulsos são de tal forma justas que, depois de retiradas, lhe deixam na pele profundos vincos; o cadeado que as liga é de segurança e a chave fica em poder de um dos experimentadores. Em tais circunstâncias, o paletó que o médium vestia foi retirado durante a sessão e entregue a um dos assistentes (Cfe. ata 7-11-44). O mesmo se deu com uma camisa de meia (Cfe. ata 11-11-44); um paletó de pijama, trazido incidentemente num embrulho por um dos assistentes, foi encontrado, após a sessão, vestido no médium por cima das roupas (Cfe. ata 13-12-44). A viabilidade de retirada das algemas foi atentamente considerada e tida como normalmente impossível.

Estudos sobre fenômenos análogos de interpenetração da matéria, em condições interessantes e convincentes, foram realizados pelo físico alemão Zollner, por Crookes e outros cientistas. Perguntando-se ao Padre Zabeu como se dava isso, declarou ser, da sua parte, simples questão de pensamento; ele pensava em colocar a peça de roupa em determinado lugar e isso acontecia. Outros operadores mais poderosos e menos evidentes devem se achar por detrás desses fatos.

FENÔMENOS LUMINOSOS

Na sala às escuras apenas se divisam as cornetas, a vitrola e dois quadros pintados com substância fosforescente; tais objetos são tomados como pontos de referência durante os trabalhos. Várias vezes, globos e pequenas nuvens de débil luminescência foram observados em diversos pontos da sala e em diferentes alturas. Certa ocasião divisou-se um vulto luminescente, mais vago ou mais nítido, conforme o observador; esse vulto coincidia com o ponto de onde partia a voz direta do Padre Zabeu. Ele mesmo chamou a atenção para o fato; o vulto deslocava-se com a voz. Essa faculdade de “vidência”, bem conhecida de alguns médiuns espíritas, foi-se acentuando com o transcorrer das sessões em alguns dos experimentadores. Mais de um desses vultos luminescentes são às vezes divisados em certas reuniões por alguns observadores. O movimento desses vultos coincide precisamente com os efeitos físicos assinalados por todos.

Os fenômenos produzidos pelo Padre Zabeu, ou sob sua orientação direta, nesta primeira fase dos seus trabalhos, foram de molde a convencer os observadores, mesmo os menos sugestionáveis e crédulos, de sua origem supra-normal. O espírito crítico de todos manteve-se alerta. A ação consciente ou mesmo inconsciente do médium, ou de qualquer dos presentes, não poderia produzir alguns dos efeitos verificados. Aliás, estes relatos não pretendem provar a realidade dos fatos metapsíquicos — assunto já muito debatido. Observadores argutos, de responsabilidade moral e capacidade intelectual mundialmente reconhecidas, trataram disso. De nossa parte, adotamos o lema do Grupo Luiz Gonzaga, inscrito num quadro em sua sala de reuniões — “Não queremos fazer crentes, mas tornarmo-nos crentes”.

CIRURGIA INABITUAL

Em determinada sessão, o Padre Zabeu, que se manifesta sempre por voz direta, comunicou a resolução tomada por entidades invisíveis de realizar-se no Centro uma operação de apendicite em circunstâncias estranhas,, nunca antes verificadas em qualquer lugar. O operador seria o espírito do Dr. Luiz Gomes do Amaral, humanitário médico que exerceu a sua profissão em vários estados do Brasil e faleceu em Bauru, há 20 anos. Desejava ele materializar-se e fazer essa intervenção cirúrgica para dar ao seu filho, Dr. Edson do Amaral, médico residente em São Paulo e inveterado materialista, uma demonstração irretorquível da existência do mundo espiritual. Esse filho era o único materialista da família, católica por tradição e convicção, segundo declarou à imprensa a viúva do Dr. Luiz Gomes do Amaral, residente hoje no Rio de Janeiro.

O Padre Zabeu dirigiu-se a André Di Bernardi, um dos componentes do grupo espírita, perguntando-lhe se concordava em submeter-se a essa intervenção, da qual necessitava, confiando-se aos espíritos de médicos já falecidos. A proposta foi prontamente aceita, mostrando-se o interpelado muito satisfeito e confiante. Logo em seguida o Padre Zabeu dirigiu-se ao Dr. Francisco Lessa Jr., médico residente em Pindamonhangaba, completamente infenso à fenomenologia espírita, encarregando-o de acompanhar clinicamente o caso. Recomendou ainda que se tomassem todas as medidas possíveis para comprovação do ato cirúrgico, tirando-se radiografias antes e depois da intervenção e submetendo-se o paciente a exames médicos rigorosos. Deu instruções minuciosas sobre os preparativos necessários e marcou a operação para 6 de janeiro de 1945.

Nesse dia, observadas todas as recomendações feitas, os componentes do grupo e pessoas estranhas convidadas para acompanhar o caso reuniram-se na sala de sessões. O Dr. Ortiz Monteiro Patto, médico cirurgião residente em Taubaté, escreveu minucioso relatório sobre sua posição no caso e o que lhe foi dado observar no transcurso da sessão. Devidamente autorizados, fazemos a seguir a transcrição dessa peça, que se distingue pela sobriedade inerente aos trabalhos estritamente objetivos.

“Taubaté, 7 de janeiro de 1945.

Nunca fui espírita, não sou e não pretendo ser. Apenas assisti, em minha vida, a duas sessões, no espaço de dez anos, e por mera curiosidade. Ambas não me causaram nenhuma impressão extraordinária, e continuei absolutamente incrédulo de tudo o que nelas vi.

Trás-ante-ontem, dia 4 do corrente, recebi um telefonema do Dr. Francisco Lessa Júnior, de Pindamonhangaba, comunicando-me que iria trazer--me um paciente para exame radiográfico do apêndice. Disse-lhe que fizesse o doente tomar, à uma hora da madrugada, a solução de bário, e que se apresentasse no meu consultório às oito horas do mesmo dia para o exame.

Ante-ontem, àquela hora, mais ou menos, chegava à minha casa o Dr. Lessa acompanhado do cliente, sr. André Di Bernardi.

Perguntou-me, então, o Dr. Lessa, de início se eu acreditava poder ser feita uma apendicectomia pelo Espiritismo, ao que lhe respondi peremptoriamente — “não”.

Eu também não acredito, disse o Dr. Lessa, mas fui convidado a comparecer a umas sessões no Centro Espírita de Pindamonhangaba, a pedido de um espírito que se dizia chamar Dr. Luiz Gomes do Amaral e que pretendia operar este paciente, desejando que eu tomasse umas tantas providências e estivesse presente ao trabalho.

Disse-me ainda que, para enfronhar-se no assunto, procurara assistir a algumas sessões, nas quais, sinceramente, não pudera atribuir a truques uns tantos fenômenos que observara.

Numa delas, dissera ao espírito do Dr. Luiz Gomes do Amaral que se prontificara a tudo desde que lhe fosse concedida autorização para um rigoroso controle, no que foi atendido.

Trazia-me, pois, o doente com diagnóstico de apendicite, feito pelo espírito daquele médico, diagnóstico que ele, Dr. Lessa, em cuidadoso exame clínico, confirmara ser mesmo de apendicite crônica.

Pedi-me que fizesse também exame clínico e, posteriormente, exame radiográfico.

Examinei o paciente com o maior cuidado, não lhe encontrando no abdome nenhuma cicatriz que indicasse já ter sido laparatomizado.

Após todas as pesquisas clínicas, concordei com o Dr. Lessa.

A seguir, passamos para o gabinete de raios-X, onde, primeiramente, procedi a uma radioscopia. Encontrei o cécum, o cólon transverso, o ângulo esplênico, a alça sigmóide e a ampola retal já contrastados pela substância opaca ingerida.

Procedendo à apalpação sob o écran fluoroscópico, achei o cécum móvel e dolorido à pressão, bem como a região íleo-cécum-apendicular.

Com pressão manual para afastamento do cécum e da ampola retal, consegui divisar a imagem do apêndice bem contrastada, exceto sua ponta.

O Dr. Lessa acompanhava com atenção o exame. Bati em seguida duas chapas do apêndice com o seriógrafo, e logo após outra maior, abrangendo essas regiões e todo o intestino grosso.

Terminado o exame radiográfico, o cliente ves-tiu-se e passei a conversar com ele e com o Dr. Lessa sobre o caso.

Perguntou-me o Dr. Lessa se eu desejaria assistir à sessão espírita na qual se faria a operação, pois achava conveniente que mais um colega, cirurgião e radiologista, a tudo presenciasse, com o intuito de exercer a máxima fiscalização.

Acedi ao convite e ele ficou de obter permissão para que eu o acompanhasse.

No dia seguinte pela manhã entreguei as chapas a um portador que viera buscá-las, e nelas escrevi o seguinte, rubricando-as, a pedido do Dr. Lessa: “Radiografias do apêndice do Sr. André Di Bernardi, obtidas por mim na presença do Dr. Lessa em 5 de janeiro de 1945, às nove horas, oito horas após a ingestão do citobário”.

Nesse mesmo dia, 6 de janeiro de 1945, à tarde, recebi um telefonema avisando-me que a sessão teria lugar às dezenove horas desse dia, no Centro Espírita de Pindamonhangaba, e que me fora concedida permissão para comparecer.

Exatamente a essa hora chegava eu a Pindamonhangaba, tendo encontrado o Dr. Lessa na Praça Monsenhor Marcondes, com quem conversei por alguns instantes, rumando em seguida para o Centro.

Ali chegados, esse colega apresentou-me às pessoas presentes, recomendando-me, em particular que mantivesse bem alerta o meu espírito crítico.

Em companhia do Dr. Milton de Barros, delegado de polícia da cidade, do Dr. Edson do Amaral, também médico e vindo especialmente de São Paulo para assistir a operação, do Dr. Lessa e de três repórteres d’ “A Noite” de São Paulo, enviados pelo Dr. Menotti Del Picchia, revistamos todo o recinto onde ficaria o paciente.

Era um cubículo anexo à saleta de sessões. Havia ali apenas uma janela hermeticamente fechada com traves de madeira pregadas aos batentes e revestida por uma cortina preta.



I

Fotografia da chapa abdominal do Sr. André Di Bernardi, anterior à operação, vendo-se a imagem apendicular assinalada por um retângulo.

Existia a mais, no local, uma cama pequena de pés altos, com um anteparo destinado à cabeça do paciente, à semelhança de uma mesa de operações; uma mesinha com um tambor de gaze esterilada, outro com algodão, outro com avental, luvas de borrachas e campos operatórios, seis pinças de campo, duas bacias, dois litros de álcool arrolhados, um frasco de tintura de iodo e outro de boca larga, também arrolhado, contendo álcool, que identifiquei pelo odor, destinado a receber o apêndice extraído.

Todo esse material fora trazido àquele lugar pelo Dr. Lessa, por solicitação do “espírito”.

Sob a cama via-se um caixote à guisa de recipiente e na parede duas lâmpadas elétricas, com “abat-jour” era forma de arandela, sendo uma branca, acesa, e outra vermelha, apagada.

O piso do compartimento era de tijolos e o forro de tábuas perfeitamente ajustadas e pintadas a óleo.

Nada mais encontramos, dando por terminado o nosso rigoroso exame.

Disse-me nesse momento o Dr. Lessa que c espírito do operador lhe havia pedido posteriormente alguns agrafes, que trouxera envoltos em papel, mostrando-nos e observando que não tivera tempo de esterilizá-los. Colocou-os, em minha presença, sobre a mesa.

Depois disso fizemos entrar o paciente.

Vestia um pijama e deitando-se na mesa opera-tória, foi a esta amarrado pelos braços, tórax, pernas e pés, com uma corda fina dobrada em duas, pelo Dr. Edson do Amaral, após a verificação da inexistência de vestígios cirúrgicos em seu abdômen. O nó da extremidade da corda foi envolto em esparadrapo e rubricado por mim e pelos meus dois colegas.

Retiramo-nos todos daquele recinto, que ficou às escuras, cerrando-se a cortina da única portinha que dava para a saleta de sessões. A cadeira do médium, ladeada por duas outras nas quais iriam sentar-se os Drs. Lessa e Edson, obstruía a passagem da referida porta.

Foi solicitado a todos os presentes que entregassem os fósforos que porventura trouxessem consigo, pois um simples cigarro aceso durante os trabalhos poria em risco a vida do paciente e do médium.

Uma vez acomodados em seus lugares, sobrou um assento, que me foi destinado.

O presidente dos trabalhos, sr. Arnaldo Amadei, tomando a palavra, disse da importância e seriedade da sessão a que iríamos assistir.

Pedi a todos que se dessem as mãos para formar a corrente, recomendando que não as desligassem em hipótese alguma durante os trabalhos.

Os Drs. Lessa e Edson seguraram cada qual uma das mãos do médium, sr Francisco Antunes Bello, sendo que o Dr. Lessa segurava ainda com a mão esquerda o pulso do médium auxiliar.

O Sr. Delegado de Polícia, Dr. Milton de Barros, recusando-se a permanecer dentro da sala, preferiu retirar-se para exercer uma fiscalização pessoal externa, durante a sessão.

Feita absoluta escuridão, com a retirada do fuzível da luz, foi posta a funcionar uma vitrola que não cessou de tocar durante todo o tempo e que estava sendo usada pela primeira vez naquele recinto a pedido do espírito do Dr. Luiz Gomes do Amaral.

Após uma prece do presidente, iniciou-se a concentração.

Fazia um calor horrível na sala, onde o ar não penetrava, e prolongava-se mais e mais o tempo, sem que eu notasse manifestação alguma de caráter extraordinário.

A certa altura o médium Bello pediu maior concentração para facilitar os trabalhos e esse pedido foi repetido com insistência pelo presidente, de intervalo em intervalo.

Parecia que a cousa estava difícil.

Ouvi, em dado momento, para o lado do quartinho em que se encontrava o paciente, um ruído que se me assemelhou ao de pinças e outros instrumentos cirúrgicos.

Tenho certeza de que mantive minha calma e lucidez absolutas, desviando o pensamento, procurei atribuir o ruído que ouvira a qualquer outro material, talvez pertencente à vitrola.

Era preciso evitar, a todo custo, a sugestão.

Em outro momento senti um cheiro acentuado de formol ou formalina, idêntico ao das salas de cirurgia esterilizadas por esse processo.

É preciso lembrar que no nosso exame não ficara constatada a existência desse desinfetante.

Foi uma sensação olfativa muito fugaz e à qual procurei não dar maior importância.

Mantive meu espírito sempre alerta naquela escuridão, e como já se ia delongando por demais a expectativa, sem ter eu ouvido nada mais que a respiração forte do médium Bello e os leves ruídos que citei, esperava a todo momento que nos fosse anunciado o fracasso ou a impossibilidade de completar-se a sessão naquela noite.

Ouvi mais tarde um gemido baixo de alguém que dizia — “Ai, que dor!”

Havia cerca de duas horas que nos encontrávamos naquela situação, e eu contava sempre como certo que tudo redundasse em fracasso, sob a forma de uma excusa ou do adiamento dos trabalhos, quando a voz de um espírito nos disse por intermédio do médium Bello, em tom claro e modulado, mais ou menos o seguinte:

“Meus irmãos: a corrente esteve fraquíssima, abaixo mesmo de tudo o que se possa chamar fraco. Muitos dos presentes não se concentraram.”

Julguei que só naquele instante fosse ter início o transe e que o espírito fosse censurar-me por estar prevendo o insucesso dos trabalhos, em vez de concentrar-me como convinha.

Entretanto, a voz que nos falava prosseguiu:

“Meu filho, aqui à direita (o Dr. Edson), descrente, cochilou o tempo todo, o mesmo se dando com o Dr. Lessa.

A operação, todavia, está terminada; demorou muito pelo fato do paciente dar-se ao uso do álcool. Em todo caso, alcançamos completo êxito.

Recomendo todos os cuidados post-operatórios ao médico terreno, Dr. Lessa.

Vou retirar-me, e após restabelecer-se a luz, esperem um pouco para visitar o operado, entrando em primeiro lugar os médicos aqui presentes, que aliás não passam de principiantes.”

Nesta altura, o Dr. Edson sentia-se mal, ameaçado de síncope.

O espírito continuava a falar, e retirando-se dali a pouco, deu o seu nome: Dr. Luiz Gomes do Amaral.

O Sr. Arnaldo Amadei, encerrando a sessão, fez uma rápida prece, enquanto o médium, já em estado consciente, falava alto: “Não suporto mais!” Determinaram então à pessoa que estivesse com o fuzível que o recolocasse imediatamente.

Restabelecida a luz, abriram-se o quanto antes as portas e janelas da sala.

O Dr. Edson e o médium Bello foram levados para fora, este último também visivelmente angustiado e afirmando que nunca mais se prestaria a atuar em casos de operação, pois sentira todas as dores do operado.

O Sr. Delegado entrou, e com ele, o Dr. Lessa e os repórteres d’“A Noite” encaminhei-me para o cubículo onde ficara o operado.

Iluminado o quartinho, fui o primeiro a falar com o paciente; tomando-lhe o pulso, indaguei como se sentia.

Respondeu-me: “Estou bem, muito bem.”

O pulso continuava rítmico e batendo noventa vezes por minuto, como antes da operação.

Notei-lhe apenas um certo cansaço.

Vendo-lhe eu sobre o ventre dois panos de campo com manchas de sangue, levantei-os e encontrei uma incisão no ponto de Mac Burney, de mais ou menos três centímetros de extensão, suturada com dois pontos que me pareceram crina ou catgut.

Enquanto isso, o Dr. Lessa, por trás de mim, examinava a mesinha auxiliar e os apetrechos que nela havíamos deixado.

O paciente estava ainda completamente amarrado como antes e intacto, em seu lugar, o selo de esparadrapo por nós rubricado.

O Dr. Lessa, batendo-me nas costas, mostrou-me o frasco de boca larga, arrolhado, com o gargalo sujo de sangue, e dentro dele, imerso no álcool, o apêndice extraído.

Examinamos detidamente a peça e tivemos de reconhecer que se tratava de um apêndice recentemente extraído com toda a técnica, notando-se uma porção de meso apendicular, sinal de esmagamento na sua extremidade de inserção bem incisada e, em sua ponta, leve tumefação, indicando ser ali o ponto inflamado.

Revedo no momento as chapas radiográficas, por mim mesmo batidas, verifiquei a coincidência exata do ponto e inflamação.

Tornamos, eu e o Dr. Lessa, a examinar a incisão e constatamos não ter sido suturada com agrafes.

Procuramo-los sobre a mesinha. Lá não estavam, como havíamos deixado.

Encontramos apenas o papel que os envolvia, aberto e vazio.

Onde estariam?

Demos busca, incontinenti; em todos os cantos do quarto, inclusive no chão.

Lembrou-se o Dr. Lessa de mergulhar a mão no álcool iodado que enchia uma das bacias, ali encontrando os agrafes desaparecidos e ainda dois pedaços de catgut, material que em absoluto não existia anteriormente no recinto da operação.

Esses pedaços de catgut estavam tintos de sangue fixado pelo álcool iodado.

Conservo um pedaço em meu poder, sendo o Dr. Lessa depositário do outro.

Enquanto isso, os repórteres e o Sr. Delegado examinavam outros detalhes importantes, tais como a janela que continuava hermeticamente pregada.

Os tambores de gaze, algodão e apetrechos esterilizados, já estavam sobre a mesinha, porém abertos, e fora deles o avental, úmido, à semelhança dos que despimos após uma operação, úmidos de suor; as luvas, a máscara e as pinças de campo parecia não terem sido usadas, pois destas últimas não encontramos sinais de pegadas no abdômen do paciente.

No caixote à guisa de recipiente, sob a mesa, nada existia, a não ser uma garrafa de álcool vazia.

Pareceu-nos também não terem sido usadas as tiras de gaze.

Tudo isso constatado, passou o Dr. Lessa a fechar a ferida operatória, como se faz de hábito. Nesse momento, o repórter-fotógrafo bateu uma chapa, apanhando-nos ao lado do doente.

Retirando-nos, foi permitida a entrada dos demais assistentes da sessão para verem o operado, sendo o apêndice a todos exibidos pelo presidente do Centro.

Interrogado pelo repórter d' "A Noite" sobre o que eu achava de tudo aquilo, disse-lhe não saber responder. Preferia esperar pela última prova, que seria uma nova radiografia do paciente a ser feita logo que seu estado o permitisse.

De resto, os fenômenos que eu acabara de observar, ele também os observara.

Assinamos em seguida uma ata lavrada pelo Dr. Lessa, findo o que voltei de automóvel para Taubaté, em companhia do Dr. Alfredo José Balbi, advogado e Inspetor

Federal do Ensino em São José dos Campos, e do Dr. Mário Aguiar, juiz de direito de Itápolis, meus companheiros de viagem, que assistiram, aos trabalhos por concessão especial do último momento.

•

Taubaté, 8 de janeiro de 1945.

Hoje tive notícias do paciente pelo telefone, dadas pelo Dr. Lessa, que me disse estar o operado passando bem.

Apenas fora necessário aplicar-lhe uma injeção de Sedol por estar sentindo muitas dores, isso algum tempo depois de minha partida para Taubaté. No mais, continua recebendo os cuidados indispensáveis a um apendicectomizado.

•

Taubaté, 9 de janeiro de 1945.

Hoje às 8 horas segui para Pindamonhangaba em companhia dos Drs. José Luiz Cembranelli, Hugo Di Domenico e Armando Montelli.

Chegados a essa cidade, procuramos o Dr. Lessa, que continua prestando assistência ao operado, Sr. André Di Bernardi, e juntos fomos visitá-lo.

Não tendo estado presentes à sessão espírita, os Drs. Cembranelli, Di Domenico e Montelli procederam a um exame frio e objetivo do ambiente, pois o doente se acha na mesma sala em que foi feita a operação.

Esses mesmos médicos, tendo examinado minuciosamente o Sr. André Di Bernardi, acharam-lhe o pulso marcando 78 pulsações e 37,3 graus de temperatura.

Levantado o curativo, foi verificada a existência da incisão operatória, dentro de todos os requisitos da técnica cirúrgica, constatando-se ainda todos os demais sintomas de um apendicectomizado há quarenta e oito horas.

Examinando o apêndice que se achava ainda no vidro em que fora encontrado, assinalaram os mesmos a perfeita correspondência com a imagem das chapas radiográficas, igualmente objeto de minucioso exame.

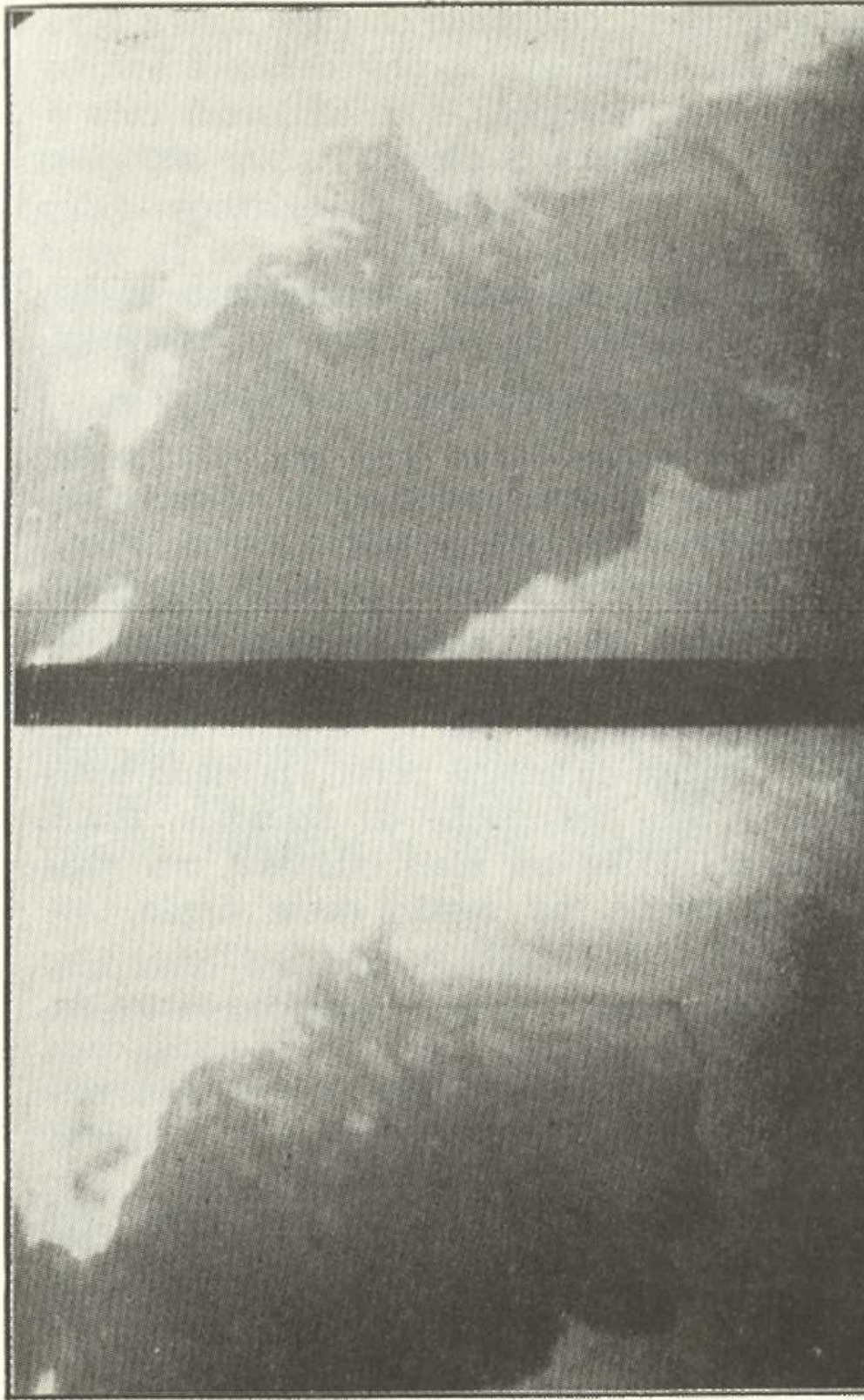
Todos os médicos nos retiramos em companhia do Sr. Delegado de Polícia de Pindamonhangaba, Dr. Milton de Barros.

Continuando os comentários em torno do caso, resolvi radiografar o Sr. André Di Bernardi, domingo, 14, entre 8 e 9 horas da manhã, em meu consultório, perante o maior número possível de colegas, pois esta será a última prova de realmente ter sido extirpado o apêndice do paciente.

Levantada pelo Dr. Hugo Di Domenico a possibilidade de trazerem as novas chapas a imagem desse apêndice, respondeu o Dr. Milton de Barros que então se instaurará inquérito, pois passará o caso à alçada policial.”

•

Após a operação, o paciente ficou sob os cuidados do Dr. Lessa, que registrou as observações que se seguem.



2

Reprodução fotográfica das chapas abdominais do Sr. André Di Bernardi, posteriores à operação, em que não se vê a imagem do apêndice.

POST-OPERATÓRIO DE ANDRÉ DI BERNARDI

“Ausência quase absoluta de sangue ou hemorragias; curativo oclusivo na região apendicular, com iodo, gaze e esparadrapo. Temperatura com pequena variação e pulso ligeiramente taquicárdico.

Dia seguinte (7 de janeiro) — O doente continuou a passar bem, sem outros sintomas. Até o quinto dia, quando se retirou para sua residência, não apresentou quaisquer perturbações. O segundo curativo, feito no dia de sua retirada, demonstrara a incisão já cicatrizada e sem supuração.

Tornou-se dispensável a retirada dos pontos, porquanto a sutura final oclusiva fora subcutânea, sem pontos externos.

É de notar-se a cicatrização por primeira intenção, ausência de infecção secundária, não obstante o ato operatório ter-se realizado num ambiente despido inteiramente de assepsia e nada se parecendo com sala operatória.

•

No sexto dia após a operação, o doente já estava se locomovendo e retomou suas ocupações habituais.

No dia 14 de janeiro o operado submeteu-se a novo exame radiográfico no consultório do Dr. Ortiz Monteiro Patto, em Taubaté. Estavam presentes diversos médicos, jornalistas, fotógrafos e outras pessoas. Antes do exame, as chapas virgens foram examinadas, colocando-se moedas no chassis, para identificação. Precedeu a radiografia um exame radiológico a cargo de vários dos presentes.

ATESTADO

Exame do sr. André Di Bernardi — Chapa n.º 875 — Data 14-1-45. Região examinada: Ileocecal-colons. Resultado — Hoje, às 9 horas, em meu consultório, na presença dos Drs. Ernani Fonseca, Francisco Lessa Júnior, Edson do Amaral, Otacílio Moreira, Armando Montelli, José Gregório Moreira, Benedito Cursino dos Santos e Moacir Hoelz, foram processadas por mim mais seis radiografias do sr. André Di Bernardi, oito dias após a intervenção realizada no Centro Espírita de Pindamonhangaba, comparadas, ainda úmidas, com as chapas anteriores, feitas no dia 5 do corrente, em nenhuma foi constatada a imagem do apêndice.”

Assinam o dr. Ortiz Monteiro Patto, todos os médicos citados e mais os Drs. Hugo Di Domenico e Ataíde Gonçalves, que tendo chegado após a hora marcada para a radiografia, procederam à análise dos negativos radiológicos e concordaram com o atestado.

•

Em síntese, foi o seguinte o depoimento do Sr. André Di Bernardi à imprensa:

“Numa das sessões do Grupo Espírita Luiz Gonzaga, a 16 de dezembro de 1944, durante os fenômenos de voz direta, anunciou a entidade que preside aos trabalhos, o espírito do Padre Zabeu, a realização de uma intervenção cirúrgica destinada a provocar grande celeuma nos meios religiosos e científicos, pelas condições de que se cercaria. Fui, entre os que ali se achavam, com emoção e espanto de minha parte, apontado como o paciente, para extirpação do apêndice. Havia muito tempo, dores ora mais intensas, ora mais fracas, localizadas na região desse órgão, vinham-me preocupando sem que me

decidisse a operar, deixando tal recurso para o último momento. No entanto, recebi com alegria a notícia dada pelo Padre Zabeu, convicto de que o poder sobrenatural é infinito.

A pedido da entidade, fui examinado por três médicos que constataram o mal (apendicite crônica), e na véspera da operação submeti-me à prova de raio-X, para confirmação do diagnóstico clínico.

Preso da maior emoção e confiante nos nossos guias espirituais, dirigi-me então ao Centro na tarde de 6 de janeiro de 1945, tendo na véspera trabalhado durante parte da manhã e passado a tarde em repouso, alimentando-me apenas de chá; conforme instruções dos nossos mentores.

Pouco antes das vinte horas fui conduzido ao cubículo onde seria processada a operação. Os médicos presentes examinaram-me o abdômen, para verificação de que o ato cirúrgico não se dera ainda; ataram-me ao leito improvisado em mesa operatória, e deixaram-me a sós.

Cerrada a cortina da única porta de acesso à sala onde se faria a concentração mental dos convidados, apagadas as luzes, aguardei os acontecimentos.

Atmosfera opressiva no quatinho em que nem sequer o ar podia penetrar. Escuridão absoluta.

Acompanhei atentamente as preces formuladas na saleta contígua, e decorridos alguns minutos percebi a aproximação de uma entidade espiritual cuja forte irradiação fluídica senti vibrar em meu corpo. Tive então a impressão nítida de que uma valise havia sido deposta sobre os pés da cama, e a seguir a de que minhas pernas foram cobertas com um pano e sobre este depositados diversos instrumentos. Note-se que não tive a sensação de que tais objetos fossem sólidos e que pesassem sobre mim, pareciam, antes, feitos de sombras. Pouco depois senti que a entidade se ocupava com os preparativos da operação, provocando ruídos diversos — tudo na mais completa obscuridade. Instantes depois, sobre meu corpo, pairando no ar, formou-se uma luz indefinível, perfeitamente visível, deslocando-se em diversos sentidos, enquanto eu distinguia, ao meu lado direito, sobre a mesinha com os apetrechos de enfermagem deixados pelo Dr. Francisco Lessa Jr., um rumor de líquido, como se a entidade estivesse desinfetando as mãos.

Em seguida, senti que me descobriam o abdômen e que lhe passavam álcool, cuja frialdade me foi muito agradável. Logo após, no mesmo ponto, apalpadelas suaves, como se mãos invisíveis procurassem localizar-me o apêndice. Senti ainda como que uma arranhadura de unha na pele e o sangue quente a escorrer. Nesse momento, dominado pela mais intensa emoção, ouvi bem clara a voz da entidade que me dizia: “Respira fundo pela boca, meu filho”. Obedeci-a, e gritei instintivamente: “Ai, que dor, doutor!” A voz continuou a manifestar-se, explicando-me a marcha da operação com minúcias técnicas que não compreendi, e repetindo-me mais de uma vez: “A tua fé, meu filho, é tamanha; que poderia até fazer-te andar sobre as águas; pois submetendo-te a esta prova, tão necessária à humanidade para capacitar-se da sobrevivência do espírito, puseste à mostra tua coragem desassombrada, pelo que te admiro. Esta tua glória ficará registrada no mundo espiritual”

Foi tão agradável esse colóquio com o outro mundo que perdi a noção do tempo. Só notei que o ato operatório chegava ao seu termo ao indagar a entidade se demoraria muito ainda e ao ouvir em resposta as seguintes palavras pronunciadas com grande clareza: “Mais um pouco de paciência, meu filho; faltam apenas três minutos, durante os quais farei a sutura do peritônio”.

E após uma pausa, ouvi estas palavras finais: 'Filho, com a tua fé e com a graça de Deus está terminada a operação; resta-me lavar as mãos, porque com elas tintas de sangue não poderei desmaterializar-me”.

Por três vezes a lâmpada vermelha que ficara desligada à disposição da entidade, acendeu-se e apagou-se.

Por último, dirigiu-se meu operador aos presentes por incorporação, anunciando o fim dos trabalhos e prescrevendo cuidados a meu respeito. Às suas palavras de despedida, dominou-me a impressão de que se fizera um vazio no quarto, onde novamente me senti a sós. Acesas as luzes, fui encontrado como me haviam deixado — a janela pregada com sarrafos, como no início da sessão. Após minucioso exame, concluíram os médicos que eu acabara de ser operado segundo todos os requisitos da moderna técnica cirúrgica, encontrando-se a peça extraída num vidro sobre a mesinha.

Sentia-me algo cansado, mas felicíssimo com o êxito da prova, quer como paciente, quer como crente dos fenômenos espíritas.”

•

O Dr. Edson do Amaral, convidado especial da notável experiência, assim se exprimiu a respeito:

“É digna de nota a maneira como resolvi assistir à operação realizada a 6 de janeiro de 1945 na cidade de Pindamonhangaba, Estado de São Paulo.

Em dezembro de 1944 havia recebido um recado atribuído ao espírito de meu pai, Dr. Francisco Gomes do Amaral, falecido em Bauru a 6 de outubro de 1926, anunciando-me uma operação de apendicite a realizar-se por seu intermédio naquela cidade e convidando-me com marcado interesse para assisti-la. Contendo a comunicação dados muito precisos sobre a vida de meu pai e sendo-me inteiramente desconhecidos os membros do Centro Espírita de que partira- tomei a decisão de embarcar em São Paulo com destino a Pindamonhangaba na manhã da data que eu próprio indicara para a experiência, animado do propósito único de estudar o fenômeno.

Passsei o dia em casa do Sr. Francisco Antunes Bello, um dos médiuns cujos serviços seriam postos à disposição do operador, e não lhe permiti contacto algum com outras pessoas.

No ato da operação, realizada em exígua e modesta salinha, examinei tudo com muita atenção, mandando até pregar com tábuas a única janela existente. Amarrei o paciente à improvisada mesa operatória e postei-me à porta de entrada, protegida por uma cortina escura, na sala contígua, de mãos dadas com os dois médiuns. Feita a mais completa escuridão em ambos os cômodos, aguardamos os acontecimentos durante cerca de duas horas, sob o insuportável calor.

Anunciado o termo do trabalho, foi restabelecida a luz. Voltando, então, em companhia de dois colegas, ao quarto onde deixáramos o paciente, encontramos-lo na mesma posição, nada se verificando de anormal no recinto. O operado apresentava uma ferida no abdômen, a qual não existia no momento em que o amarrei. Num vidro de álcool deixado sobre a mesinha de cabeceira, encontrou-se um apêndice de recente extração.

É impressionante o fato de que na sala não existia nenhum instrumento de cirurgia, contudo ainda continuo incrédulo de tudo quanto vi. É bem verdade que o apêndice do paciente foi extraído na mais absoluta obscuridade — operação única, creio, jamais realizada no mundo. Vou aguardar o correr dos dias, para novas observações, e só então emitirei juízo definitivo sobre os fatos observados.”

•

Assim registrou suas impressões o Sr. Francisco Antunes Bello, que além de médium de efeitos físicos, é dotado da faculdade de vidência:

“Alguns minutos após o início da concentração, vi uma entidade espiritual masculina, completamente materializada, em movimento, como quem viesse da rua e entrasse através das paredes; tinha mais ou menos um metro e oitenta centímetros de altura, cabelos grisalhos com grandes entradas, cavanhaque, parecendo-me um tanto magro. Conduzia uma valise nos moldes das usadas pelos médicos. Passou entre mim e o Dr. Edson do Amaral e penetrou na câmara operatória sem necessidade de afastamento da cortina. Nesse momento, assaltou-me profundo tremor na perna esquerda que perdurou por toda a operação. Sentia os pés como que amarrados ao piso.

Ao ouvir ruídos de ferros no interior da câmara, comecei a sentir algo de anormal em mim: notei que uma mão me apalpava, e um instrumento que me pareceu uma tenaz níquelada penetrou-me no lado esquerdo, à altura da região umbelical. Senti então que me tocavam os órgãos internos, procurando extirpá-los. Tive ímpetos de gritar, de levantar-me, de sair correndo daquela sala, mas estranha força parecia imantar-me os pés ao chão. Gemi durante toda a duração do ato cirúrgico, murmurando: “Meu Deus, que demora!”

Nesse estado cheguei ao fim da reunião, quando diversos dos presentes assinalaram em mim a existência de um círculo arroxeadado, de aproximadamente dez centímetros, na região citada, que ardia como que em direta correspondência com dores no lado oposto, no local do apêndice.

Durante a fase de curativos no operado, deu-se um fato realmente curioso: repercutiam em mim todas as dores resultantes dos mesmos, como se tivesse sido também operado, e gradativamente às melhoras do paciente fui sentindo alívio, ficando finalmente em meu ventre o sinal de dois pontos.

No termo dos trabalhos, adormeci profundamente, sabendo depois, pelos presentes, que a entidade se manifestara, por meu intermédio, determinando que me abstinêsse de qualquer trabalho mediúnico, até segunda ordem, para reparo das energias consumidas.”

COMENTÁRIOS

O caráter espetacular dado ao caso não deve ser atribuído aos componentes do grupo espírita ou do experimentalista. Todas as instruções partiram das entidades que se manifestam pelos fenômenos da voz direta ou de incorporação. TT^ãacontecimento teve enorme repercussão. Vários dos principais órgãos da imprensa do país e alguns do estrangeiro noticiaram o fato com grande destaque. A atenção geral voltou-se para o extraordinário fenômeno. Controvérsias apaixonadas se travaram. Talvez fosse esse o objetivo da encenação planejada — focalizar fatos capazes de abrir caminho para uma filosofia satisfatória da vida.

Negar o fato não é possível. Para os que desejam formular hipóteses, os relatórios e notas reproduzidos fornecem elementos necessários. Só podemos acrescentar a isso a circunstância de até hoje, mais de um ano depois do acontecimento, não se ter encontrado um motivo ponderável para uma intervenção fraudulenta, em condições tão precárias e comprometedoras. Cuidadosas investigações se fizeram, o local foi reexaminado e a cena reconstituída, para verificar-se a possibilidade de qualquer explicação natural; nenhuma foi achada.

O fenômeno é único nos anais da metapsíquica. Não temos notícias de outro fato semelhante. As demais intervenções espirituais verificadas no mesmo Centro não se cercaram de demonstrações tão estranhas e espetaculares. Todas essas intervenções se fizeram por iniciativa e expressa determinação dos seres espirituais que ali se

manifestam. O presidente do grupo espírita, assoberbado com volumosa correspondência, pede-nos, nesta altura, para avisar aos prováveis leitores necessitados de uma intervenção cirúrgica, que se dirijam aos seus médicos ou hospitais mais próximos. As operações espirituais não são feitas por encomenda, seria uma concorrência muito perturbadora e em desacordo com a ética profissional terrena. Essas operações visam mais curar as mentalidades materialistas sistemáticas do que as doenças físicas.

OUTRAS OPERAÇÕES

Além dessa apendicectomia, outras intervenções cirúrgicas foram realizadas em condições igualmente estranhas, no mesmo Centro. O efeito de tais intervenções sobre os pacientes tem sido positivado de modo insofismável. Males súbitos e outros de caráter crônico foram assim eliminados. O paciente deita-se num leito colocado na sala das sessões e junto dele senta-se o médium Os assistentes dispõem-se em semi-círculo também sentados, em torno do leito. Uma bacia com água, toalha, e um vidro vazio são, via de regra, o material pedido. Apagam-se as luzes e os trabalhos se iniciam como de costume. Ouve-se o rumor da água na bacia, o entrecocar de ferros cirúrgicos, sente-se cheiro de éter e desinfetantes não existentes no recinto. Ao aviso dado pelo médium, por incorporação, encerra-se o trabalho e acendem-se as luzes. Em geral; encontram-se resíduos de tecidos, sangue e outros sinais no frasco deixado vazio sobre uma cadeira. Nenhum sinal exterior de operação nos pacientes, que, entretanto, examinados pelos médicos presentes, acusam o estado característico post-operatório. A cura de certos casos, após tão estranho processo, tem-se verificado de modo positivo. Algumas dessas intervenções foram realizadas sem a presença de qualquer médico.

O testemunho das máquinas fotográficas foi algumas vezes invocado. Bate-se uma chapa antes do apagar das luzes e outra durante a sessão, às escuras, com lâmpadas de ignição. Nas últimas, aparecem sempre os cordões de ectoplasma ligados ao médium. Numa delas o médium se apresenta enrolado num lençol e com a máscara de um rosto estranho. Padre Zabeu informa tratar-se do Dr. Francisco Costa, médico falecido, cuja identidade não foi estabelecida.

O Dr. Francisco Lessa Júnior, que se tornou um dos elementos mais assíduos aos trabalhos do Padre Zabeu, prestou-se a experiências, cujo relato, de sua autoria, passamos a transcrever.

AUTO-OBSERVAÇÃO

“Narrativa simples e verídica, com fim puramente científico, para uso dos estudiosos do assunto.

Início: a 9 de Junho de 1946; sintomas: calafrios e febre de 40°, estado que perdurou até 20 do mesmo mês, agravado com dores cefálicas na região temporal esquerda, localizada.

Exames radiográficos de rins, pulmões, crânio, primeiramente feitos pelo Dr. Ortiz Monteiro Patto, em Taubaté. e posteriormente repetidos pelo mesmo e pelo técnico George Lapava, em Pindamonhangaba; exames de laboratório, procedidos em Guaratinguetá pelo Dr. J. Miléo e repetidos em São Paulo, acusaram apenas neutrofilose, ou seja, tendência à supuração. O diagnóstico não se esclareceu, não obstante o desvelo e carinho de sete colegas médicos; entretanto, o doente-médico suspeitava de abscesso meningêo, na zona temporal esquerda.

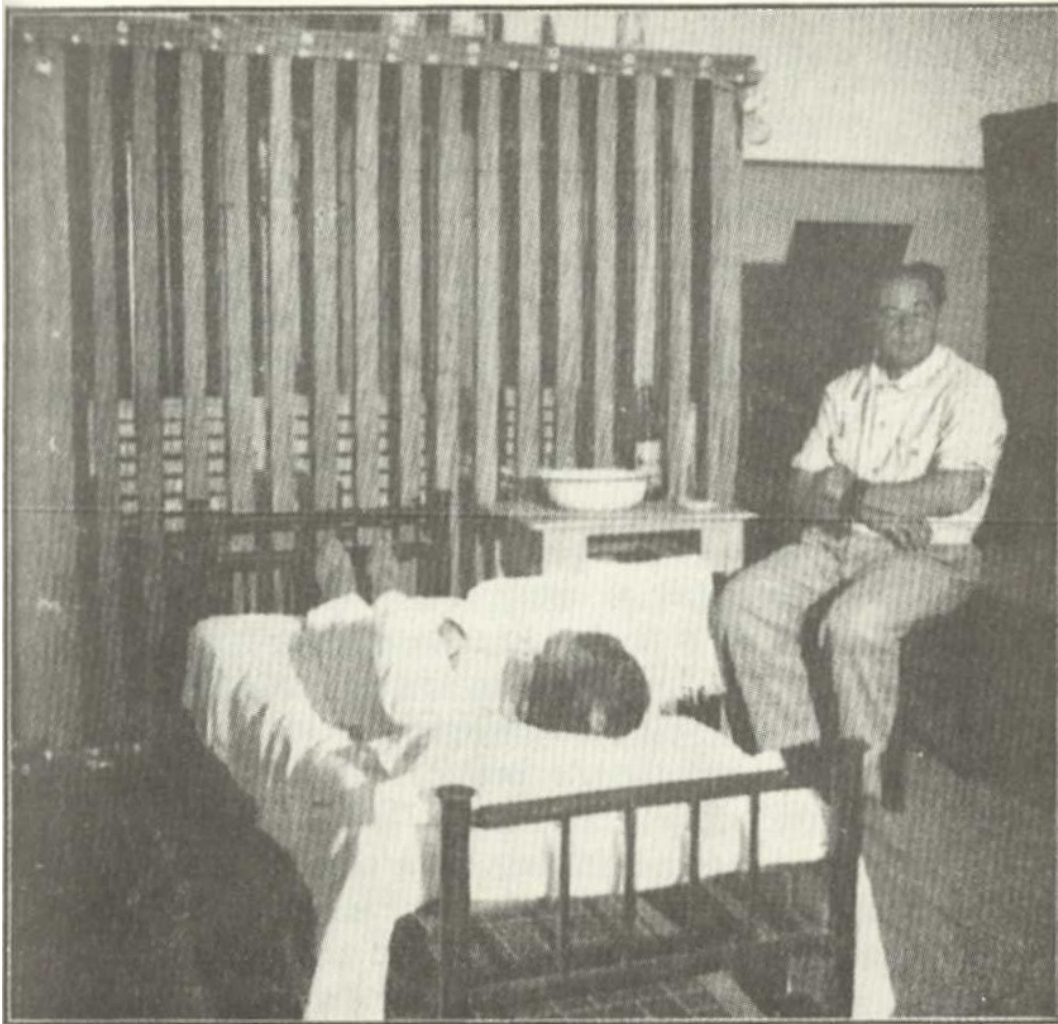
No dia 20 do mesmo mês foram-me entregues pelo sr. Mário Amadei seis medicamentos homeopáticos, receitados por entidades espiritistas; como o estado febril e a cefaléia persistissem, desafiando toda a terapêutica anterior, à base de sulfamidos, usei aqueles medicamentos e meia-hora depois os sintomas cederam.

Foi preceituado então que eu tomasse esses medicamentos até o dia 2 de julho, quando seria operado espiritualmente. Não desprezei a oportunidade que se me oferecia, não só de cura, como principalmente de estudo, podendo verificar em causa própria até onde ia a realidade desses fenômenos.

No dia aprazado deu-se a operação.

Posição deitada em leito no meio da sala do “Asilo Padre Zabeu”. Assistentes, cerca de oito. Médiun, Francisco Antunes Bello. Técnica muito semelhante à cirurgia atual. Anestesia local pelo éter, cujo odor e frialdade senti, tendo os presentes acusado igualmente a primeira impressão.

Traçado na região frontal com instrumento frio, traçado em forma de pentágono, novamente traçado em forma de cruz com impressão de maior profundidade, sucção de qualquer substância que foi depositada num vidro de boca larga. Após a recomposição dos tecidos, senti a cabeça envolta numa toalha, ao mesmo tempo que me era colocado na mão um vidro de comprimidos homeopáticos, para uso de três em três horas. Durante estes acontecimentos, eu percebia, junto a mim, movimentando-se, um vulto alto, com antebraços um tanto fosforescentes; tentando por vezes apalpar o vulto ou segurar-lhe as mãos, não o consegui, pois o mesmo parecia imaterial.



3

Flagrante da intervenção cirúrgica a que se submeteu o Dr. Francisco Lessa Jr.

Terminados os trabalhos, a dor na região temporal ainda persistiu ligeiramente durante alguns dias, para cessar definitivamente ao tomar eu o último comprimido homeopático. Foram tiradas fotografias durante os trabalhos.

Esta narração simples e desapaixonada tem fins meramente científicos. Aí fica com absoluta sinceridade a sùmula dos fatos para explicação dos estudiosos, dos que se sentirem capacitados, à luz da Ciência, para interpretar semelhantes fenômenos.”

•

Nenhum outro médico estava presente nessa sessão. É de se notar a técnica operatória, a sensação de corte mais profundo e de recomposição dos tecidos, sem deixar qualquer vestígio exterior. Essas observações são muito evidenciais, se considerarmos a mentalidade prática, positiva e nada sugestionável do observador. A luminescência do vulto e as tentativas inúteis para tocá-lo são também fatos que não comportam uma explicação normal. O paciente, apesar de vir acompanhando desde as sessões iniciais as experiências metapsíquicas do grupo, não recorreu a esse estranho meio de tratamento ao sentir-se mal. A experiência com os medicamentos homeopáticos, após onze dias de dores contínuas, seguiu-o ao esgotamento de todos os recursos da medicina terrena.

A ação rápida desses remédios, demonstrando a possibilidade de cura por tais meios, despertou viva curiosidade no espírito investigador do médico, contribuindo para que tomasse a resolução de submeter-se à prova. Seu testemunho de médico-paciente-observador tem especial significação para os estudiosos dos fatos metapsíquicos.

A segunda intervenção, cuja fotografia reproduzimos, realizou-se na ausência de qualquer médico. O paciente, Sr Guido Brandão Scaciotta, membro do grupo espírita inicial, sofrendo há muito tempo de moléstia do estômago e intestinos, em cujo tratamento empregou em vão todos os recursos disponíveis, declara-se radicalmente curado após a intervenção feita nas condições narradas. Algumas outras operações têm sido realizadas sem deixar marcas externas, mas com efeitos positivos de cura, segundo informam os pacientes.



4

Intervenção Cirúrgica. Fotografia batida no claro, antes dos trabalhos, vendo-se deitado o Sr. Cuido Brandão Scaciotta, e ao lado o Sr. Francisco Antunes Bello.



5

Fotografia batida no escuro, durante os trabalhos, vendo-se a máscara do Dr. Francisco Costa sobreposta ao rosto do médium.

CONTROLE DO PADRE ZABEU

2.a FASE

Em fevereiro de 1945, após a rumorosa operação, outros elementos incorporaram-se ao grupo de observadores. Os fenômenos anteriormente relatados repetiram-se várias vezes em sessões posteriores. Outros fatos de maior valor evidencial ocorreram.

AÇÃO SOBRE A MATÉRIA

Após dialogar com vários dos presentes em voz direta, passeando pela sala escura, como de costume, sem o menor ruído, Padre Zabeu entregou ao diretor dos trabalhos um objeto oblongo que, pelo tato, foi identificado como sendo uma pedra de afiar. Essa pedra foi passada a todos os presentes, examinada e em seguida devolvida ao Padre Zabeu. Ouviram-se fortes batidas na mesa e logo depois o Padre Zabeu anunciou um desastre — a pedra partira-se ao meio. Ordenou então que se interrompesse a sessão e se fotografasse a pedra. Feito isso, meia hora depois nova sessão foi iniciada, segundo o processo habitual. Logo após a prece, ouviu-se a voz do Padre Zabeu comunicando a restauração da pedra. Encerrado o trabalho, encontrou-se na verdade a pedra em perfeito estado, sendo então feita nova fotografia. Nenhum sinal se nota no ponto onde se dera a ruptura; somente uma falha no rótulo colado à pedra serve de elemento de identificação (Cfe. ata 17-6-45).

Noutra sessão, disse ele que os discos já se achavam muito usados, sendo necessário substituí-los. Declarou que ia quebrar um deles e logo retificou: ia, ao contrário, enrolá-lo. Imediatamente entregou a um dos presentes um dos velhos e conhecidos discos, enrolado como se vê na prova fotográfica. Nenhuma alteração de temperatura foi notada nesse disco, sendo de alguns minutos o intervalo decorrido do início da sessão à apresentação do mesmo retorcido — tempo insuficiente para esfriá-lo, na hipótese de ter sido aquecido (Cfe. ata 5-6-46). Várias tentativas se fizeram para endireitar o disco; numa delas quebrou-se um pequeno pedaço. Neste estado, com os demais comprovantes dos fatos narrados, encontra-se ele nos arquivos do Centro.

RESPOSTA A UM REPTO

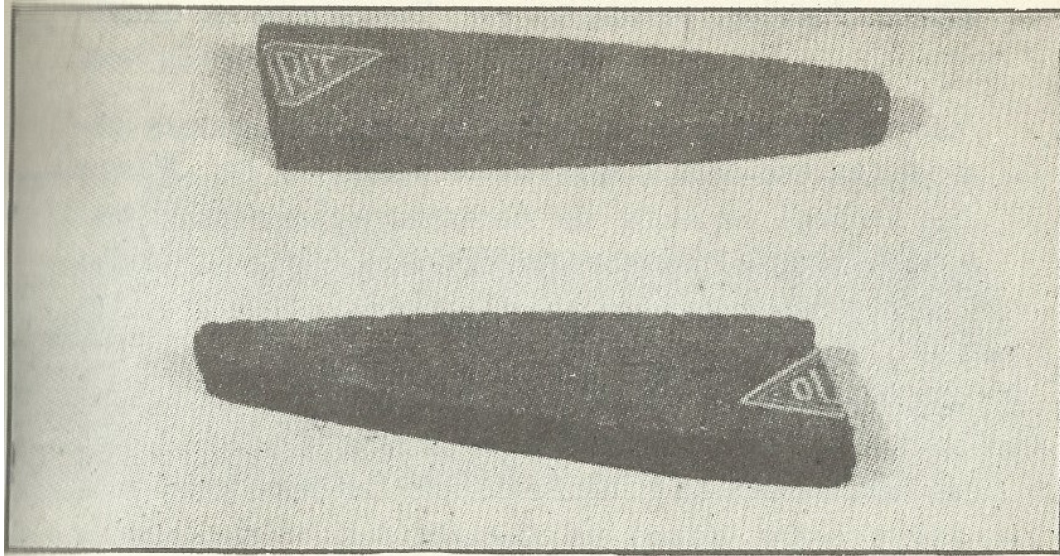
Idêntico fenômeno, em circunstâncias de maior valor evidencial, ocorreu alguns dias depois.

O relato que se segue é de autoria do Sr. Antônio Olavo Pereira, residente em Tremembé e convidado a assistir aos trabalhos.

“Espírito sequioso de experimentações sempre renovadas em sua busca da Verdade, o Dr. Edson do Amaral, sabedor da demonstração acima descrita, a que não estivera presente, formulou ao Padre Zabeu um repto no propósito de desmascará-lo. Submetê-lo-ia a uma prova decisiva, como o mais incrédulo e irredutível que era dentre os observadores que vinham formando o seu auditório. Obtida a aquiescência do desafiado, preparou o Dr. Edson os elementos do teste, sem o conhecimento do grupo.

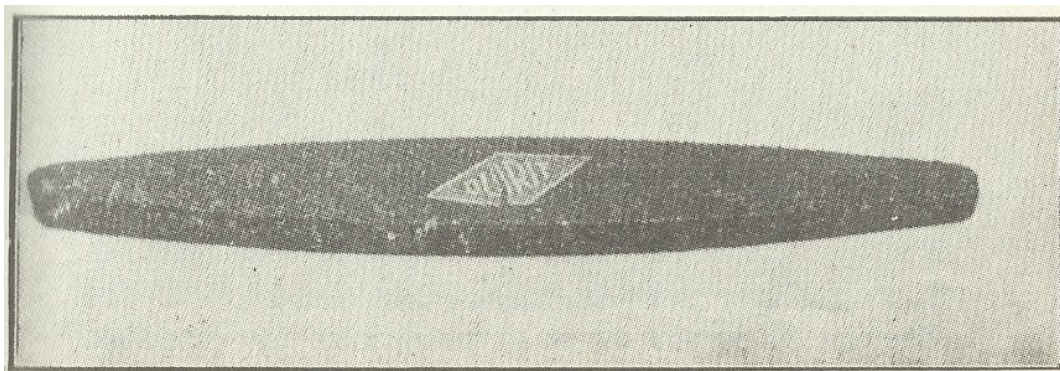
A 20 de Julho de 1946 convocaram-se dez assistentes — sete já familiarizados com aqueles trabalhos e três que pela primeira vez os assistiam.

Às vinte horas dirigiu-se o grupo ao salão de provas, cujas janelas se achavam fechadas e protegidas por estores escuros. O Dr. Edson do Amaral trazia à mão uma valise cujo conteúdo era por todos ignorado.



6

A pedra quebrada, examinada por todos os experimentadores.



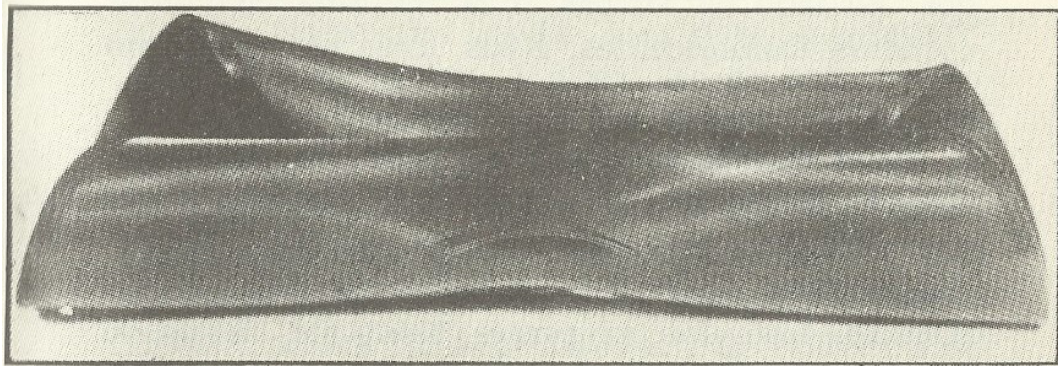
7

A pedra, finda a segunda parte da sessão, sem qualquer sinal de ruptura.

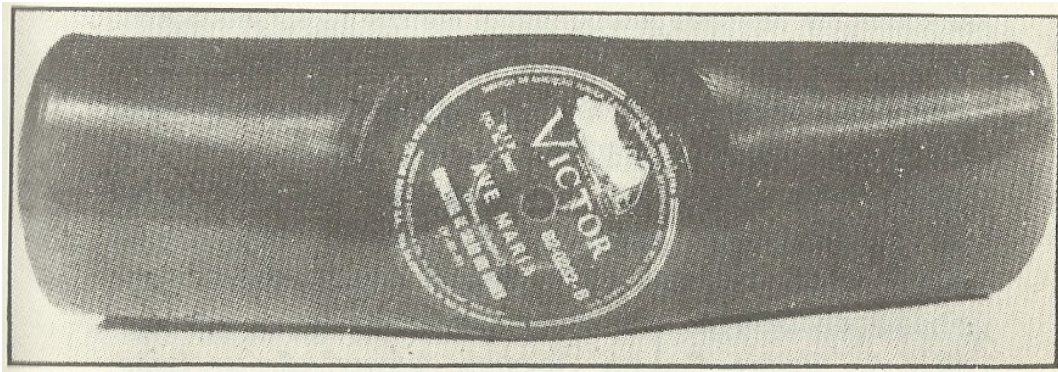
A porta de entrada foi fechada a chave pelo presidente do Centro. Viam-se duas alas de cadeiras separadas por uma passagem central onde foram armados os tripés de duas máquinas fotográficas. Dispuseram-se os assistentes na primeira fila, à esquerda e à direita da passagem. À sua frente, a cerca de quatro metros, o médium tomara lugar numa poltrona ao lado do movei que sustinha uma vitrola portátil e junto de uma cabine de sarrafos, independente da parede dos fundos. Ao lado da vitrola, uma mesinha com duas cornetas fosforescentes. Nada mais se notava no recinto.

A chave das algemas que se vêem na fotografia ligando os pulsos do médium foi confiada a um dos estranhos ao grupo experimentalista. Apagadas as luzes, o diretor dos trabalhos, Sr. Arnaldo Amadei, formulou as preces habituais. Seguiu-se o ruído peculiar ao ato de dar corda à vitrola, ouvindo-se instantes depois as primeiras notas da Ave-Maria. E partindo de um ponto que dava a impressão de localizar-se sobre a vitrola, a voz do Padre Zabeu saudou a todos com débil “boa-noite”. Indagou dos presentes, individualmente, à exceção de três ou quatro, como iam passando, tratou de dois casos de saúde, relacionados a dois dos circunstantes e motivos de consulta prévia, para finalmente dirigir-se ao Dr. Edson, em tom de galhofa, como que traindo ingênu

curiosidade em torno do conteúdo da valise. Inquirido a respeito, respondeu o Dr. Edson tratar-se de uma chapa de raio-X, que desejava submeter à apreciação do Padre Zabeu. Estava formulado o teste.



8



9

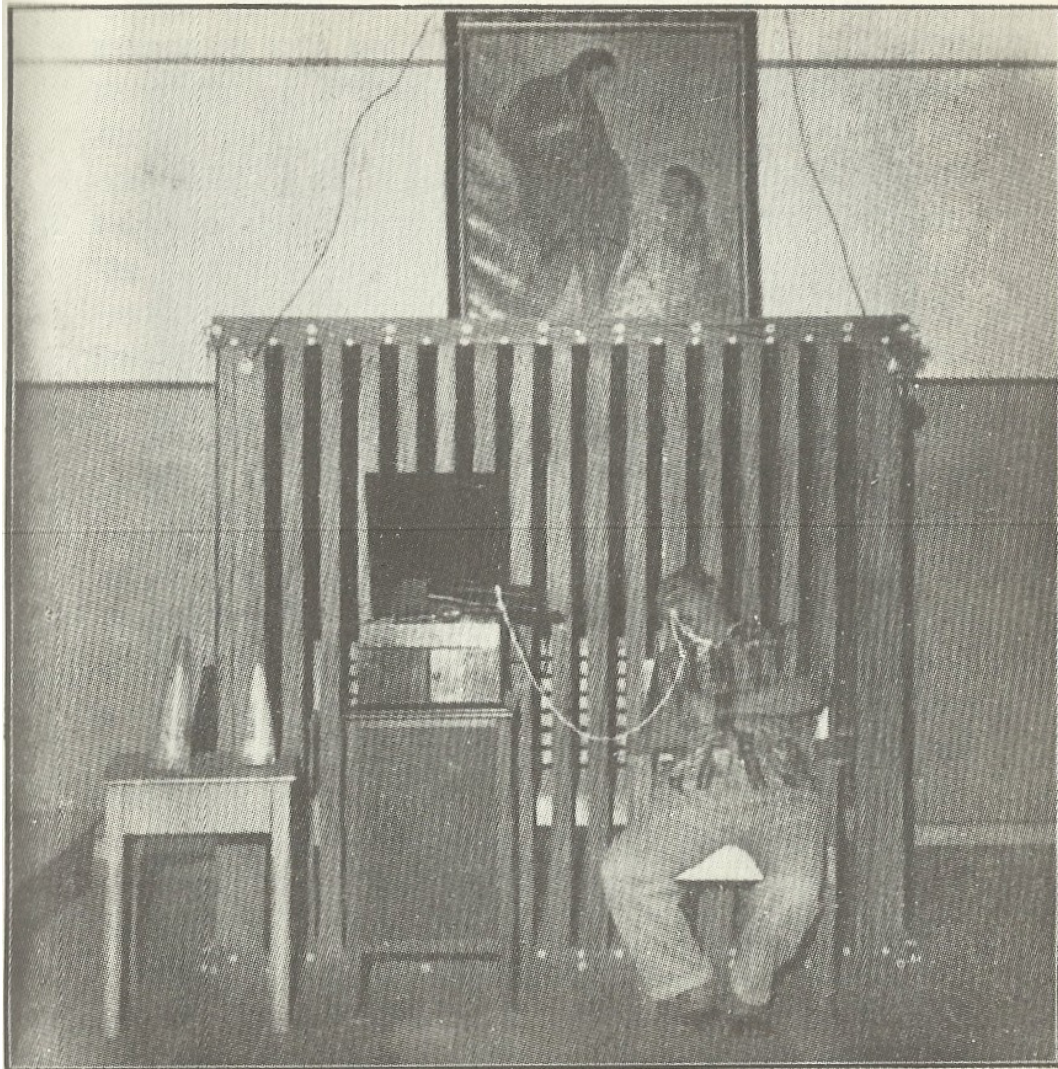
O velho disco enrolado durante os trabalhos.

Todavia, a resposta inicial do Padre Zabeu foi irônico e bem humorado riso. Voltando-se para um dos observadores a quem estava afeta a parte do controle fotográfico, dirigiu-lhe o seguinte comentário: “Chapa de raio-X, hein, R.?” E, prosseguindo, sempre, em tom de bom humor: “Você já viu um tiro sair pela culatra, R.? Já viu alguém matar um coelho com duas cajadadas?” E riu-se alegremente. Voltando-se de novo para o Dr. Edson, disse-lhe o Padre Zabeu: “Traga-me sua chapa de raio-X, Edson. Você verá o que farei com ela”. E de pronto uma das cornetas fosforescentes, que em pleno escuro podiam ser localizadas sobre a mesinha ao lado da vitrola, levitou à altura de três metros e aproximou-se do ponto onde se achava sentado o Dr. Edson. Este se levantou, deu alguns passos em direção à corneta que o orientava qual lanterna de indicador de cinema, depôs no ar o disco tomado por uma força invisível e voltou ao seu lugar, enquanto a cometa se afastava e o ruído característico de um disco esfregado no piso de ladrilhos era ouvido por todos. Chegou-se, pois, facilmente, à conclusão de que a chapa de raio-X do Dr. Edson era uma gravação comum. Falhada em desfavor do desafiante a primeira parte do teste, dirigiu-lhe o Padre Zabeu algumas palavras de admoestação, em tom amigo mas sério. Disse-lhe em síntese que insistia em comparecer àquelas reuniões com espírito zombeteiro e que seria aquela a última oportunidade que lhe oferecia de firmar um juízo definitivo sobre os fenômenos metapsíquicos.

Respondeu o Dr. Edson, traindo forte emoção, que não o movia nenhum propósito de menosprezo àqueles trabalhos, mas simplesmente o desejo de obter sempre novas e diferentes provas, no seu afã investigador. Instantes depois anunciava o Padre Zabeu, em voz sempre fraca mas clara e nítida, que ia recorrer aos colaboradores do espaço na preparação de uma surpresa ao Dr. Edson. Pequena pausa se fez então, durante a qual se ouviu novamente o ruído da manivela da vitrola, enquanto soavam no recinto as notas de novo disco. Antes de findar-se a gravação ouviu-se a voz do Padre Zabeu advertir os fotógrafos de que era chegado o momento de serem batidas as chapas. Ao clarão das foto-flash distinguiram todos o médium na posição fixada pela câmara, observando-se que cada qual continuava em seu posto como no início da sessão. Em seguida, nova levitação da cometa, acompanhada das seguintes palavras dirigidas ao Dr. Edson: “Aqui está a sua chapa, Edson”. Este apanhou o disco que sob a cometa lhe era depositado na mão, sentou-se e examinou-o pelo tato. Havia sido enrolado num plano só, em duplo sentido longitudinal. Passou-o o Dr. Edson aos assistentes colocados ao seu lado, ao mesmo tempo em que a cometa era deposta suavemente sobre as pernas de um dos observadores. Padre Zabeu pronunciou algumas palavras finais e a sessão foi encerrada. Acenderam-se as luzes, o médium voltou ao estado consciente e foi desalgemado, verificando-se na ocasião fortes vincos em seus pulsos. Pôs-se então o Dr. Edson a procurar no disco a marca que o identificava e que segundo revelou aos presentes havia sido feita a fogo sob o dístico. Reconheceu-o, menos pelo sinal especial, do que pelos ordinários, como sejam numeração, títulos, etc, todos previamente anotados. O disco passou pelas mãos de todos os observadores, até que, não satisfeito com os elementos identificadores controlados, procurou o Dr. Edson destorcer uma das curvas, partindo-o em consequência, ao meio, e afirmando haver encontrado apenas em parte o sinal. Lamentou, então o presidente do Centro, Sr. Mário Amadei, que prova de tal valia ficasse de certo modo inutilizada, sugerindo em seguida um dos observadores que se fizesse nova concentração, para saber-se da possibilidade de reparação do disco. Voltou o médium à sua poltrona e imediatamente foi atuado por um espírito que declarou ser possível consertá-lo, desde que não se perdesse mais tempo em discussões. Algemou-se o médium, cada qual voltou ao seu lugar, apagaram-se as luzes. O disco foi novamente tomado das mãos do Dr. Edson pela força invisível que sustinha a cometa, e minutos depois a voz do Padre Zabeu deu por definitivamente encerrada a sessão, despedindo-se e anunciando que outra entidade presente, o Dr. Luiz Gomes do Amaral, dirigir-se-ia a todos por incorporação. Ouviu-se, efetivamente, em seguida, partindo do próprio médium, possante voz em exortação espiritual, finda a qual lançou ao Dr. Edson severa reprimenda pela sua incurável persistência negativista daqueles fenômenos. Despediu-se e as luzes foram acesas. Ainda surpresos com o inopinado da cena, descobriram os experimentadores o disco do Dr. Edson sobre o tapete, a alguns passos além do ponto em que estiveram sentados. Restaurado, desenrolado, perfeito, como se acabasse de sair da estante de uma casa de música. Examinou-o com atenção o Dr. Edson, encontrando-lhe todos os sinais identificadores. Posto na vitrola, foi tocado com perfeição.

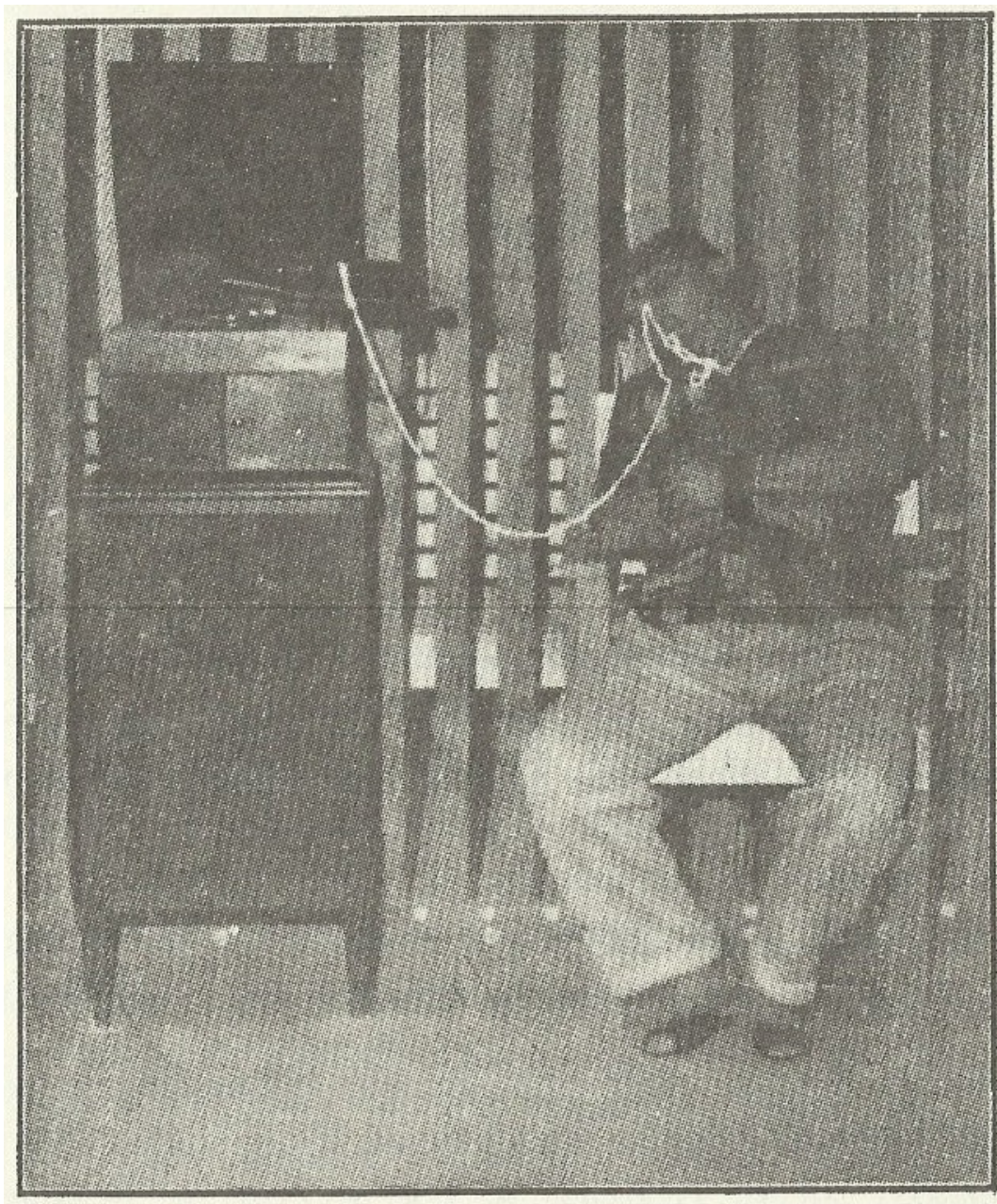
Lavrou o Dr. Edson do Amaral a taça do próprio punho, relatando os acontecimentos conforme vão aqui reproduzidos. Deu o seu testemunho de que o disco enrolado, depois partido e interiormente posto em condições de ser tocado, era o mesmo conduzido por ele à sessão na valise com que penetrara no auditório.”

Os fatos acima não comportam qualquer explicação normal. Seria impossível, por meios fraudulentos, torcer o disco a frio e com a presteza assinalada. Muito mais difícil seria restaurá-lo com a perfeição que se observou.



10

Fotografia tirada durante os trabalhos, vendo-se o disco enrolado suspenso sobre a vitrola e ligado ao médium por um cordão de ectoplasma.



11

Fotografia ampliada do disco enrolado.

TRANSPORTES

Em determinada sessão, revistado e algemado, o médium pôs-se em condições de trabalho vestindo apenas um pijama. Examinada minuciosamente a sala, como de costume, fechadas portas e janelas, logo após o apagar das luzes ouviu-se o ruído da queda de um objeto no centro da sala. A voz do Padre Zabeu ecoou, anunciando tratar-se de uma pedra e uma mão de luva de senhora, transportadas de São Paulo e ali atiradas (Cfe. ata 17-3-45). Esses objetos deveriam ser devolvidos ao Dr. C. G. S. Shalders, o velho professor, veterano e bem conhecido experimenter de metapsíquica que há muito se dedica à causa altruística de demonstrar ao homem a sobrevivência da alma.

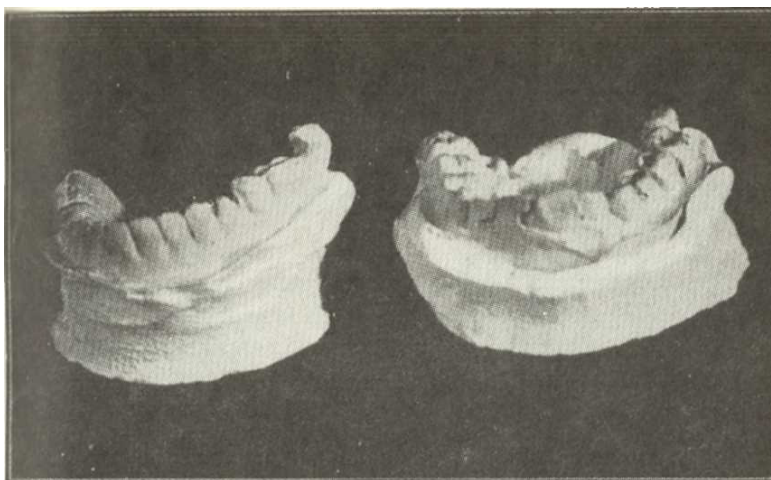
Os objetos encontrados depois da sessão no ponto em que haviam caído, foram enviados ao Dr. Shalders, que confirmou o transporte em cartas de que transcrevemos alguns tópicos:

“Realizo aos sábados, na Federação Espírita de São Paulo, sessões de metapsíquica. Nessas sessões, constantemente recebo objetos psíquicos, como sejam flores, seixos rolados, perfumes, etc. Entre esses objetos materiais, recebi, faz já muito tempo, um pedaço de granito, pesando talvez meio quilo. Tinha essa pedra guardada num armário existente na sala onde se realizam as sessões, e isto sem maior interesse para mim. Numa das sessões realizadas o ano passado, uma senhora assistente deixou esquecida uma mão de luva. Como a dona não aparecesse, guardei-a no armário junto com a tal pedra. Eu não havia dado pela falta desses objetos, pois estavam ali esquecidos, sem nenhum interesse para mim. Só quando abri a caixinha (com a pedra e a luva que lhe haviam sido remetidas) reconheci os objetos, verificando que lá não mais se achavam. Trata-se de um caso verídico de transporte... Para mim, esse transporte é um caso comezinho, pois tenho assistido a centenas, sem nenhum exagero”.

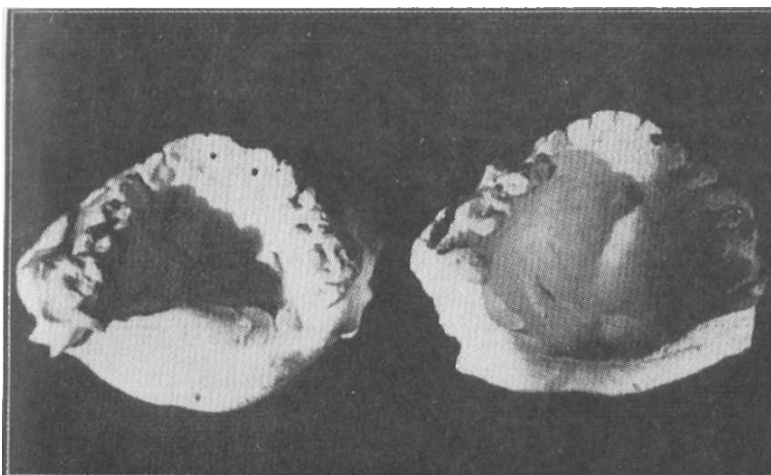


12

Moldagem em parafina.



13



14

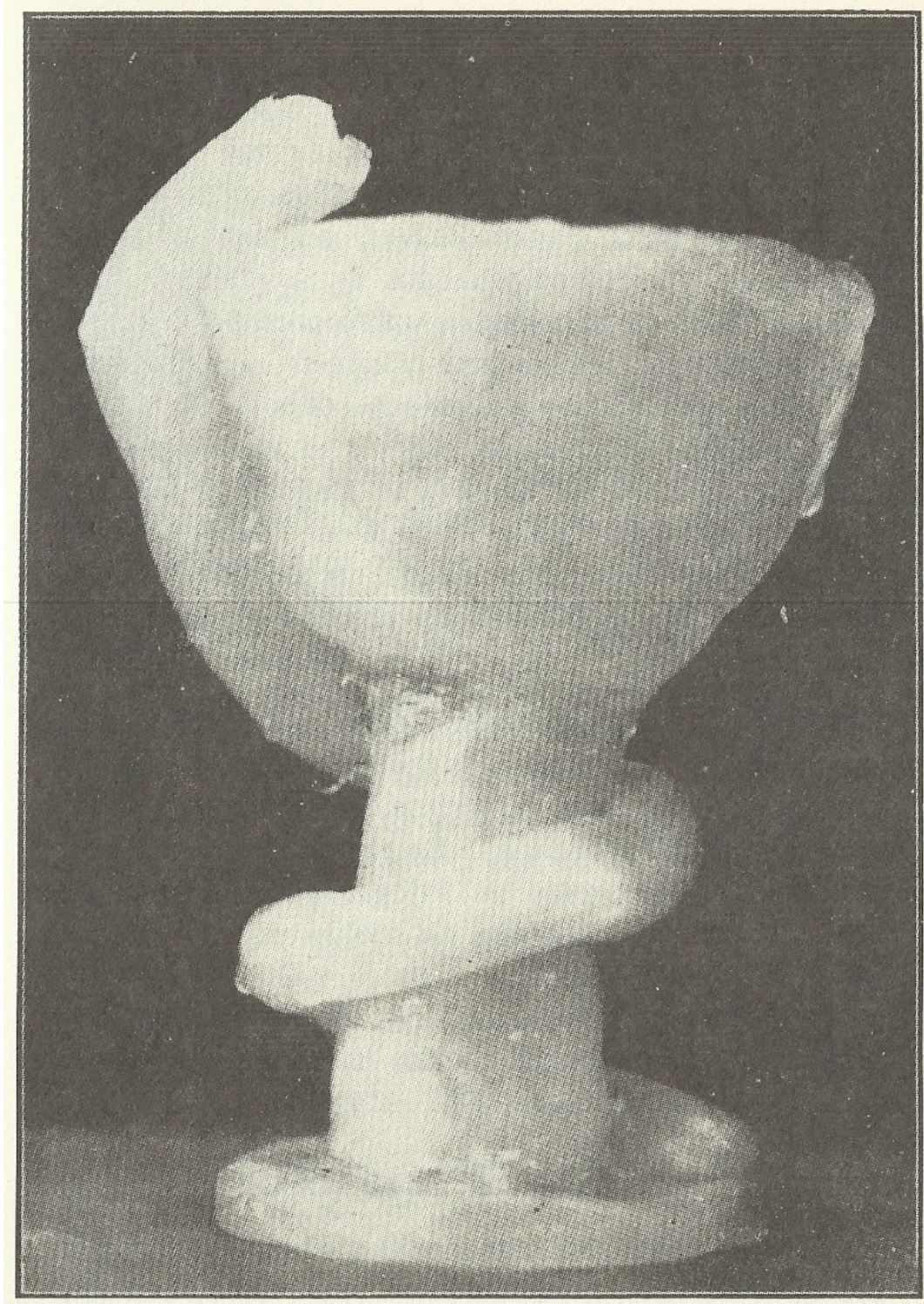
Arcadas dentárias do Padre Zabeu, reproduzidas em gesso.

Noutra ocasião, o Padre Zabeu, grande encenador, prepara uma sessão macabra. Apagadas as luzes, anuncia ele o “irmão esqueleto”. Ouve-se um entrecocar de ossos. O quadro luminescente é levitado e conduzido diante de cada um dos assistentes; sobre o quadro vê-se o esqueleto de uma mão e depois outros ossos humanos. Esses ossos são entregues a vários dos presentes, sendo anatomicamente examinados e descritos pelos médicos que assistiam à sessão (Cfe. atas 22 e 25-10 e 16-12-45).

Acesas as luzes, os ossos não se encontravam mais no recinto; as portas e janelas se achavam perfeitamente fechadas.

MOLDAGENS EM PARAFINA

Em várias sessões foram feitas moldagens de flores em parafina, um cartão com o dístico:



15

Moldagem em parafina

“Quem dá aos pobres empresta a Deus”, uma cruz, uma âncora e um coração, símbolos da fé, esperança e caridade, pequenas cruzes e outros objetos simples. Para essas sessões previamente anunciadas pelo Padre Zabeu, colocam-se sobre uma mesa

um recipiente com água quente, onde é mergulhada a parafina, e outro com água e gelo para esfriar as moldagens. Ouve-se o espadanar da água durante os trabalhos, depois do que o Padre Zabeu distribui os objetos entre as pessoas presentes (Cfe. atas 28-4, 5 e 14-5, 2 e 23-6, 14 -7-45). Algumas vezes deixou-se no recipiente parafina especialmente levada para isso, de tipo não usado no comércio; os objetos apresentados depois da sessão foram feitos com essa parafina.

Em duas sessões o Padre Zabeu entregou a um dos presentes moldes de arcadas dentárias superior e inferior, em parafina, declarando serem as suas antigas arcadas. Esses moldes foram reproduzidos em gesso e fotografados, como outros objetos de parafina. O molde dos dentes do médium, tirado após a sessão, não demonstrou a menor semelhança com os apresentados, que não conferiram também com os de qualquer das pessoas presentes (Cfe. atas 18-3 e 7-4-45).

FENÔMENOS LUMINOSOS

Além das pequenas nuvens e globos luminescentes já referidos, vêem-se algumas vezes, parados no ar, pontos luminosos brilhantes, isolados ou aos pares; brilham por alguns segundos e desaparecem. Uma nuvem luminescente esverdeada, pouco distinta, condensou-se e tomou a forma de uma pequena cruz; pairou no ar durante alguns segundos, a um metro e meio de altura, diante da fila de assistentes. Essa cruz foi bem distinguida por vários dos presentes e apagou-se subitamente (Cfe. ata 21-4-45).

Noutra sessão, o fenômeno repetiu-se com muito maior intensidade. Uma cruz luminosa muito nítida, com cerca de dez centímetros de altura, formou-se a mais de dois metros do solo, em frente aos assistentes. Desceu pairando e passou lentamente diante da fila de cadeiras, observada distintamente por todos. O fenômeno durou alguns minutos e por fim desvaneceu-se (Cfe. ata 2-6-45). A voz do Padre Zabeu ouviu-se em seguida, dizendo ser esse o seu sinal característico.

ESCRITA DIRETA

Por recomendação do Padre Zabeu, deixaram-se algumas folhas de papel almaço e lápis sobre a mesa, antes do início de uma das sessões.

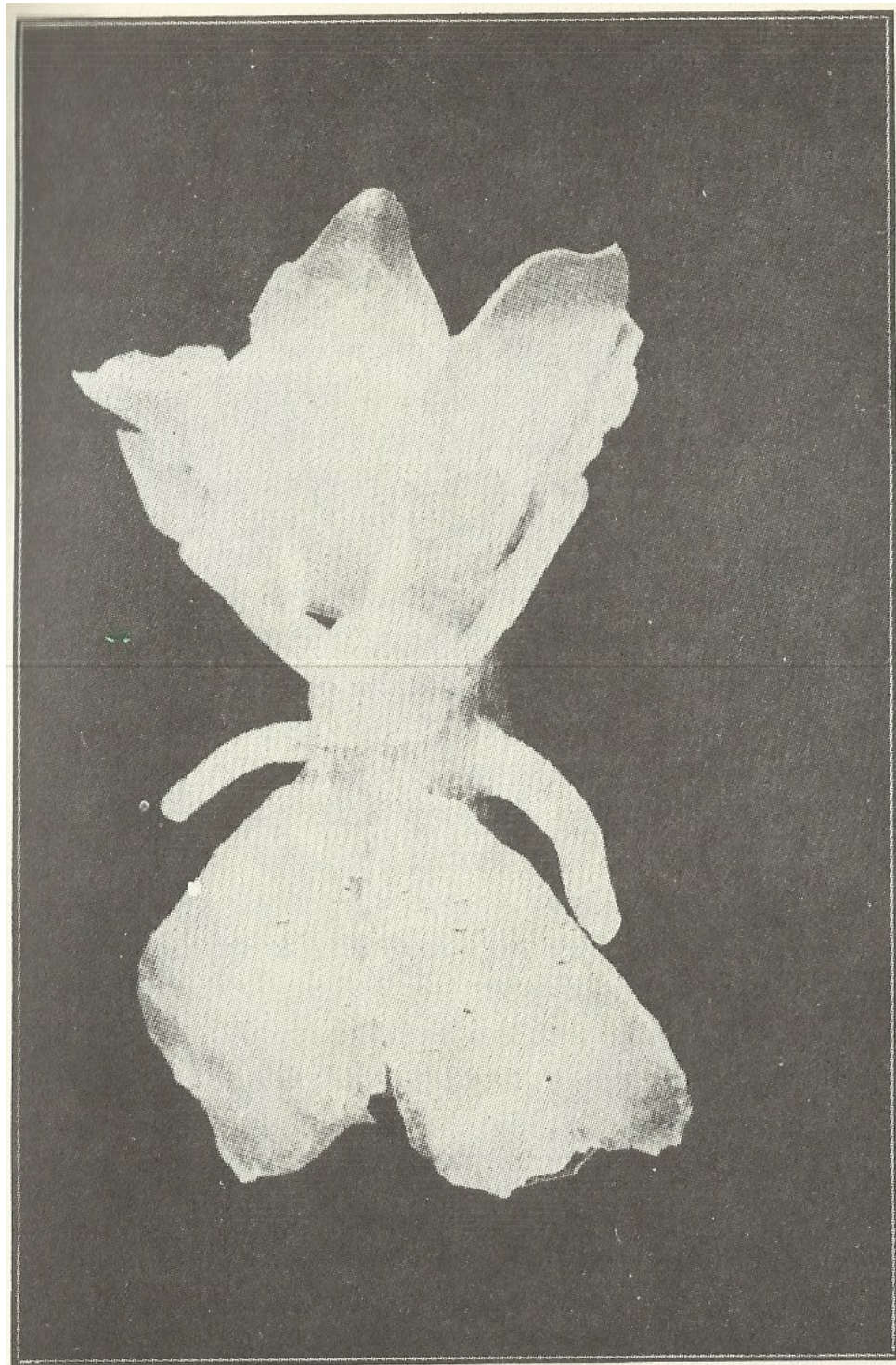
Ouviu-se no escuro o lápis correndo sobre o papel durante vários minutos. Após a sessão, encontrou-se uma das folhas com três páginas escritas em letra corrente. As linhas da escrita seguiam rigorosamente as pautas do papel, sem o menor desvio. A folha continha o regulamento do “Abrigo Padre Zabeu”, em construção em Pindamonhangaba a seu pedido e sob sua orientação.

Em suas palestras de voz direta Padre Zabeu demonstra o maior interesse por essa e outras obras de caridade que vem promovendo em diferentes lugares. Diz realizar, como penitência, o que em vida deixara de fazer na Terra.

MATERIALIZAÇÕES

Os primeiros fenômenos de materialização deram-se no escuro e foram perceptíveis apenas pelo tato. Toques de mãos estranhas nos ombros, joelhos e mãos dos assistentes. Apertos de mão e amistosas batidas de mão esquerda sobre a destra dos presentes. Em certas ocasiões tomou-se o pulso da forma materializada para contagem das pulsações (Cfe. ata 9-3-45). O Dr. Francisco Lessa Júnior objetou que um pulso faria supor um coração; a sua mão foi então apoiada sobre um peito, que acusou batidas cardíacas

normais. As mãos tinham, via de regra, temperatura normal; algumas vezes eram muito frias (Cfe. ata 11-11-44).



16
Moldagem em parafina

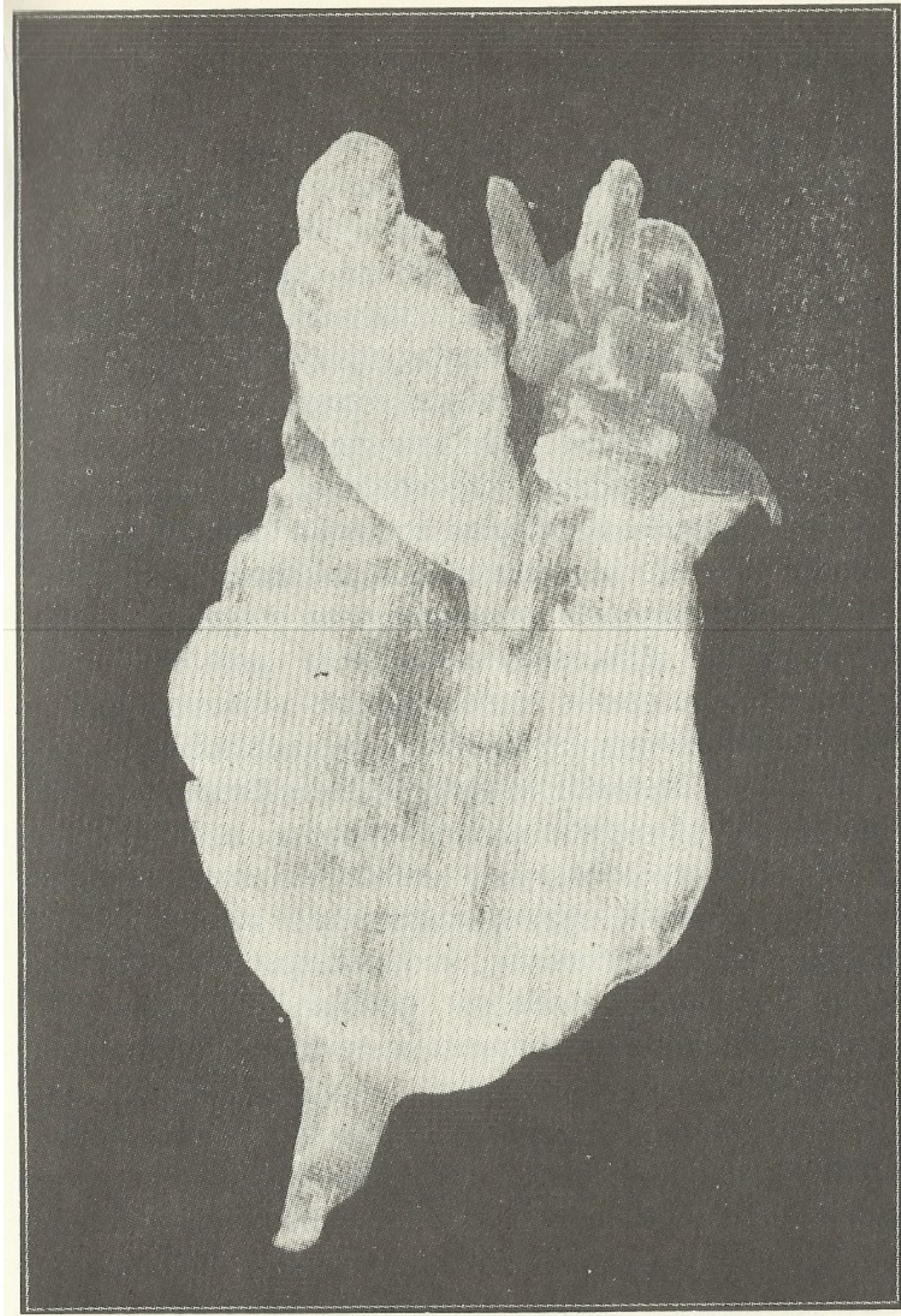
Um quadro luminescente, medindo aproximadamente 20x30 centímetros, foi várias vezes levitado e trazido até as proximidades de alguns dos assistentes; diante desse quadro apresentava-se a mão, o rosto e a cabeça da forma materializada

(Cfe. atas 14, 15, 27-7-45). Certa vez as mãos materializadas tomaram as do Dr. Raul Guisard e conduziram-no para junto do médium; aí o Dr. Raul tocou nos braços e nas algemas deste, enquanto sentia no seu próprio braço a pressão das mãos que o conduziram (Cfe. ata 16-12-45). De outra feita, o médium despertou do transe, durante a sessão, e dialogou com o Padre Zabeu (Cfe. atas 7-4 e 27-10-45). Outras formas materializadas, além do Padre Zabeu, manifestaram-se em grande valor evidencial (Cfe. atas 1 e 5-9-45).

Repetida, certa vez, com um dos presentes, a prova do aperto de mão, alvitrou o Padre Zabeu, em tom de pilhéria, que o circunstante procurasse o braço cuja mão apertava. Feito o exame, nada foi encontrado: o fantasma só materializara a destra. Noutra sessão, materializado de corpo inteiro, foi chamado ao centro da sala um dos experimentadores, que tocou na sotaina macia e em partes diferentes do corpo do Padre Zabeu. Intrigado, nosso companheiro, segurando o fantasma pelos braços, tentou tocá-lo nos membros inferiores, passando-lhe o pé à altura das tíbias. Nada encontrou. Ouviu-se então o riso característico do Padre Zabeu e logo após sua explicação do fenômeno: sua figura pairava acima do solo, pois não caminhava como os homens, mas deslizava, levitado.

Em abril de 1945 deu-se a primeira materialização à luz vermelha. Um pendente com globo vermelho e dispositivo para regular a intensidade da lâmpada está suspenso do forro no centro da sala; o interruptor fica junto à cabine do médium, fora do seu alcance. Em determinada reunião, o médium encontrava-se algemado numa poltrona colocada contra a parede dos fundos da sala, a três metros do interruptor. A luz vermelha acendeu-se várias vezes; durante os lampejos, que se iam fazendo cada vez mais demorados, todos os presentes viram o médium em seu lugar e, próximo ao interruptor, o vulto branco do Padre Zabeu. O vulto tinha um dos braços apoiado à vitrola, enquanto segurava com a outra mão o interruptor. Apresentava pequena estatura, calculada em metro e meio, e manteve-se em silêncio todo o tempo. O médium, ao contrário do que geralmente se verifica durante esses fenômenos de materialização, permanecia desperto e falava, chamando a atenção para o vulto materializado (Cfe. ata 7-4-45). Na segunda sessão de materialização à luz vermelha, o fenômeno produziu-se com mais intensidade. O médium achava-se então algemado e acorrentado numa cadeira, no interior da cabine. Durante mais de trinta segundos a luz permaneceu acesa e a maioria dos presentes viu contra a cortina escura o vulto branco do fantasma. Alguns nada viram senão o fundo formado pela cortina e pela vitrola. A voz do Padre Zabeu pediu concentração mental de todos os presentes para ajudá-lo a afastar-se da cabine. Todos viram então o vulto luminescente avançar, deslizante, para o lado direito da fila de observadores. A forma tornou-se bem nítida, apresentando, desta vez, compleição bem mais robusta que a do médium; era mais alto, apesar de ligeiramente arcado. Os observadores mais próximos distinguiram bem sua fisionomia. As descrições foram acordes: a fisionomia distinguida não se confundia com a de nenhum dos presentes (Cfe. ata 28-4-45). Ampla veste branca, guarnecida de largas mangas, envolvia a figura. Difícil confundir com gazes ou outros tecidos materiais o aspecto luminescente e semi-nebuloso do fantasma. Isso se tornou ainda mais evidente na sessão seguinte. Acesa a luz vermelha, todos viram imediatamente o vulto branco que se curvou sobre a vitrola e a pôs em funcionamento. Em seguida, deu a volta à sala, parando diante de cada assistente e dando-lhe um aperto de mão. Sentia-se essa mão viva e o aperto cordial acompanhado de tapinhas amistosas aplicados com a mão esquerda sobre a destra apertada. O tato dava a impressão de um

ser normal, enquanto o aspecto luminescente sugeria algo fluido, semi-material. Vários minutos decorreram assim, havendo tempo suficiente para que cada observador atentasse refletidamente no fantasma e em si próprio. Sentiamo-nos perfeitamente lúcidos e despertos; observamos com nitidez a presença de todos em seus lugares, as portas e as janelas bem fechadas, o médium imobilizado de modo a não poder levantar-se; nenhuma causa normal possível para explicar a aparição. O fantasma tomou pela mão a vários dos presentes, cada um de per si, fazendo-os levantar-se e aproximar-se dele sob a luz vermelha. Falava com a voz inconfundível do Padre Zabeu. Permitiu que o apalpassem; sentimos-lhe os braços perfeitamente bem formados sob o tecido muito fino das mangas. Em certas ocasiões, completamente materializada, a figura permaneceu conversando, com a luz vermelha acesa, durante mais de quinze minutos (Cfe. atas 3 e 5-5 e 25-8-45). Nenhuma possibilidade de sugestão ou engano dos sentidos. Nessas palestras, perdia-se a noção do fato supranormal; a concentração se enfraquecia. Um fato de grande valor evidencial ocorria então — o fantasma ia-se desvanecendo e sua voz se apagava. Fortes estalos de dedos se ouviam — sinal convencional, como já se disse, para ordenar preces, isto é, concentração mental dirigida. Podia-se então acompanhar a reintensificação da forma. O ambiente mental exerce notável influência sobre os fenômenos nas condições verificadas.



17
Moldagem em parafina



18

A sombra escura sobre o peito do médium dá a impressão de um pano preto, aí não se achava antes e depois da sessão. A pequena vitrola sobre os joelhos do médium achava-se, antes da sessão, fechada e colocada a um canto da sala.

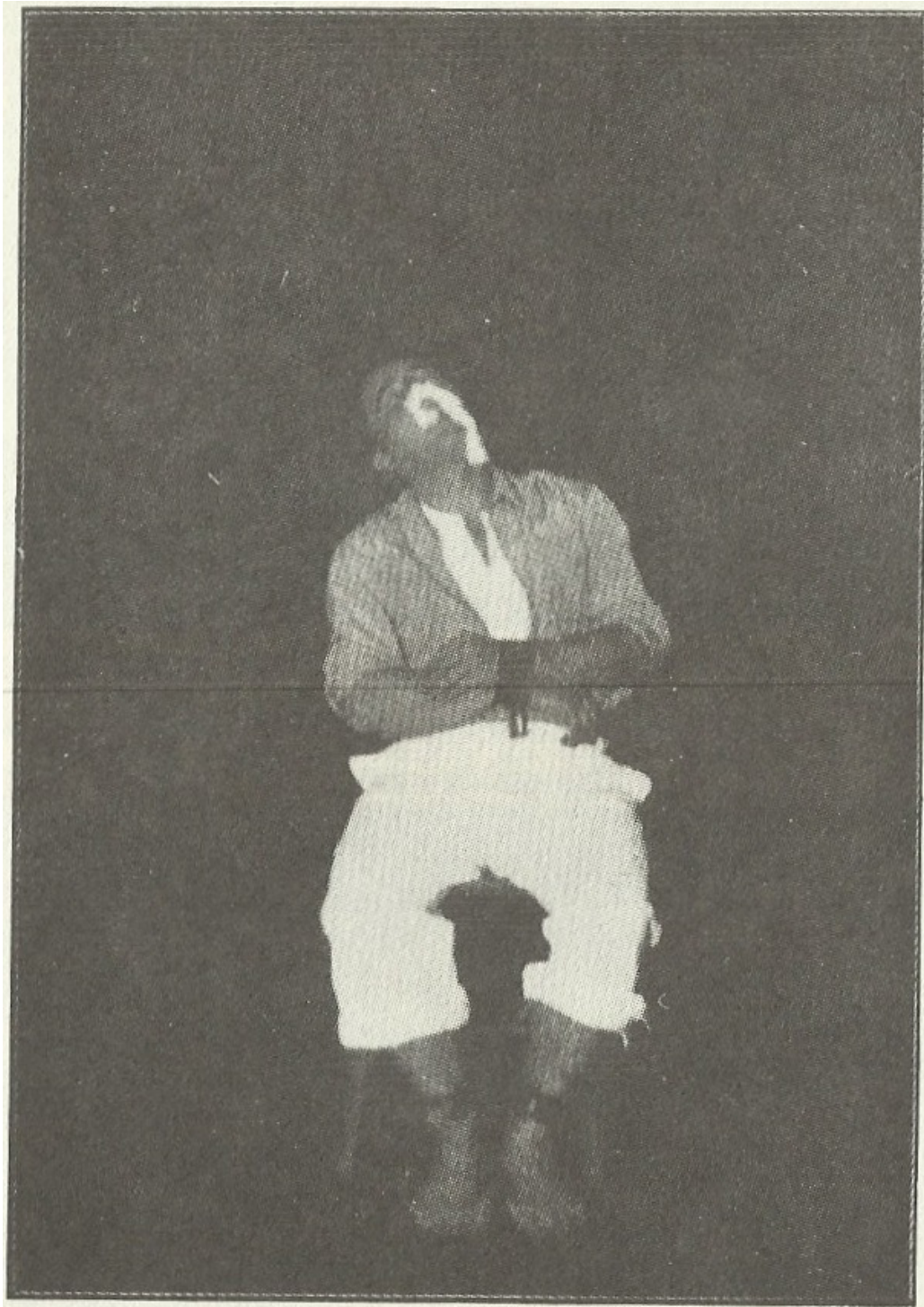


19

Fotografia tirada logo depois de acesas as luzes, vendo-se o médium algemado.

OUTROS FATOS

Formas materializadas apresentaram-se com longas cabeleiras femininas, reconhecidas pelo tato.



20

Formação de ectoplasma sobre o rosto do médium.

Encontraram-se mechas de cabelos, materializadas, após a sessão (Cfe. ata 14-7-45); as cabeleiras tocadas não foram encontradas no recinto. Impressões digitais de mão feminina apareceram sobre um papel branco. Embora tais impressões não pertencessem a nenhum dos presentes, não se cuidou de identificação. Às vezes uma gaita, deixada sobre a mesa antes da sessão, tocava longas músicas sacras; Brenner era o nome do amigo músico que assim nos exibia as suas habilidades.

FOTOGRAFIAS

Realizou-se uma série de sessões com o fito expresso de se obterem fotografias evidenciais. Duas máquinas fotográficas eram armadas em tripé junto a uma das paredes da sala e focalizadas sobre o médium. Este se sentava algemado de mãos e pés, com as algemas dos pés presas à cadeira por uma barra de ferro. O fundo era formado com uma cortina de pano preto. A sessão iniciava-se como de costume, ficando as objetivas das máquinas fotográficas abertas, depois de apagadas as luzes. Ao sinal dado por um médium “vidente”, que se sentava entre os demais assistentes junto às paredes laterais da sala, a lâmpada de ignição era deflagrada e a chapa impressionada pela luz intensa e instantânea. Os chassis eram carregados e revelados por dois dos experimentadores.

CONCLUSÃO

Os fenômenos físicos relatados podem ser classificados em vários grupos:

- a) Levitação de corpos pesados sem intervenção de uma forma de energia conhecida pela Ciência;
- b) Pancadas e sinais tiptológicos capazes de respostas inteligentes sem intervenção direta das pessoas presentes;
- c) Voz direta;
- d) Transporte de objetos em circunstâncias que exigem a interpenetração da matéria;
- e) Moldagens em parafina, deformação e restauração de objetos materiais por operadores não humanos e em condições irrealizáveis por processos normais;
- f) Fenômenos luminosos de origem desconhecida;
- g) Intervenções cirúrgicas em condições estranhas;
- h) Formação de fantasmas, isto é, de corpos e membros humanos perfeitamente organizados, com determinadas funções e faculdades normais.

•

Sob o ponto de vista da Ciência, só uma conclusão nos ocorre: certas leis solidamente estabelecidas estão sujeitas a profundas restrições em determinadas circunstâncias.

Essa conclusão é suficiente para filosofar. As restrições da maioria das leis da Ciência são bem conhecidas. Elas são limitadas pelas condições de temperatura e pressão, pela existência de campos elétricos, magnéticos e de gravidade pelo estado de repouso ou de movimento do observador e por outros fatores. Pequenas modificações dessas condições podem invalidar certas leis. Para tornar naturais os fenômenos sobrenaturais narrados, basta, portanto, admitir a influência de fatores ainda não analisados suficientemente pela Ciência e capazes de, em determinadas condições, modificarem certas leis.

•



21

Cordões de ectoplasma

Das experiências anteriores ressaltam dois fatores necessários para a produção dos fenômenos excepcionais observados.

- a) Ambiente mental propício;
- b) Presença de um médium.

O médium é um indivíduo dotado de faculdades peculiares que lhe permitem cair em transe, isto é, num estado letárgico durante o qual pode apresentar uma mudança radical de personalidade. As experiências fotográficas permitem ainda concluir que o médium em transe emite uma substância misteriosa — o ectoplasma.

A ação do fator mental é compreensível se considerarmos certas experiências da Ciência oficial sobre a sugestão hipnótica e a telepatia, e se as relacionarmos com outros estudos igualmente sérios de Richet, Lodge, De Rochas, Bozzano, Ochorowicz, e outros autores facilmente consultáveis. Conclui-se daí serem o pensamento e a vontade forças plásticas e organizadoras. Estudos sobre os fenômenos alucinatorios, hipnóticos e ideo-plásticos têm demonstrado a formação de imagens objetivas que podem ser fotografadas, refletidas e refratadas de acordo com as leis da Física. Essas formas-pensamento não são

materiais, e exigem um meio mais sutil no qual possam existir. O éter se apresenta para isso com as mesmas credenciais apresentadas no domínio da energia radiante; éter, ou campo-espaco, ou contínuo quadri-dimensional, ou essência elemental; simples questão de termos, neste grau inicial dos conhecimentos. Sobre o éter exerce o pensamento o seu poder organizador de formas.



22

Cordões de ectoplasma ligando o médium ao disco levitado sobre a vitrola.

O segundo fator necessário para os fenômenos em apreço é o ectoplasma. Observações sobre essa misteriosa substância foram feitas por Schrenck-Notzing, De Rochas, Richet e um grupo de físicos, e outros cientistas. Essas experiências demonstram ser o ectoplasma uma substância fotografável e sensível à luz, que age sobre ele como um solvente; toma formas variáveis e tem movimentos próprios. Foi tocado e pesado. Tem a propriedade estranha de ser sensível ao pensamento. As obras dos autores acima, como as de Bozzano e outros, referentes ao assunto, foram amplamente divulgadas e são encontráveis com facilidade.

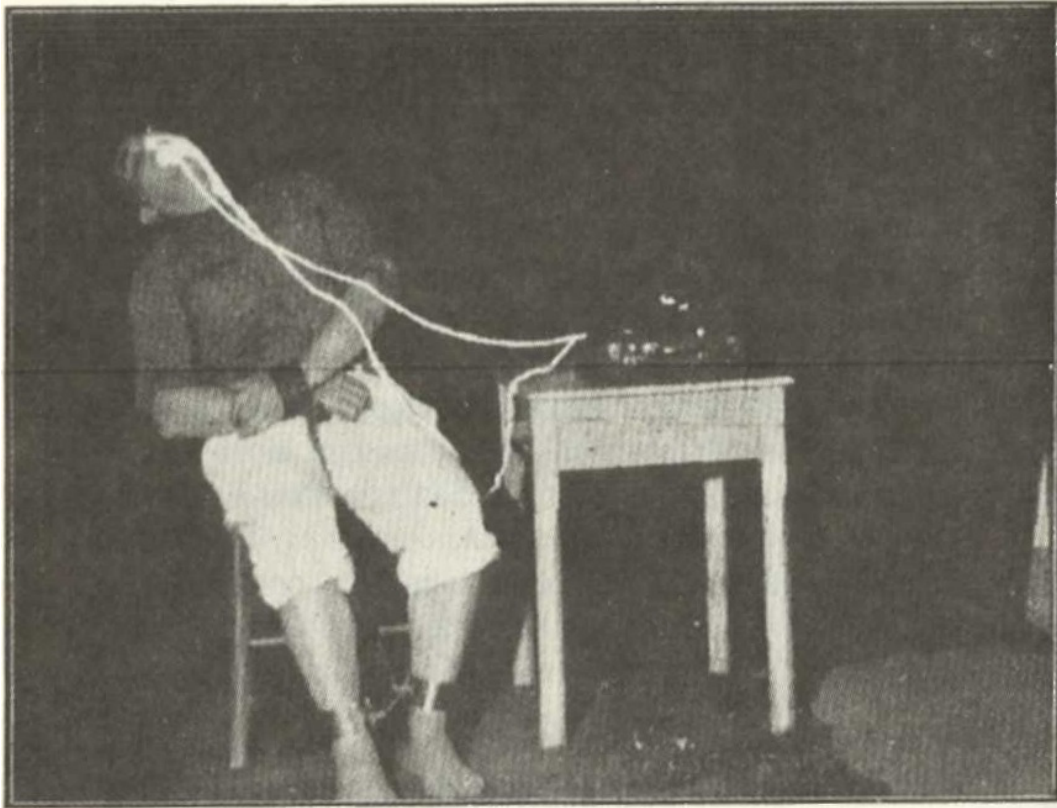
Admitidos tais fatos sobre o poder modelador do pensamento e a capacidade moldável do ectoplasma, tem-se uma hipótese racional e simples para o mecanismo das materializações e da maioria dos fenômenos de efeitos físicos acima classificados.

O mistério das formações fantásmicas de organismos vivos, reduz-se à identificação do pensamento plasmador. Esse pensamento-causa, entretanto é um mistério vulgar. Uma causa semelhante está por detrás das sementes e dos germes de que se originam os seres vivos. Estranhável é apenas o tempo gasto na formação de tais organismos. Quando o ectoplasma é obtido pelas transformações normais do meio físico, os seres vivos têm um crescimento normal; formam-se lentamente. Quando o ectoplasma é obtido do médium, deixando-o em estado de letargia, ou transe, a formação é imediata.

O ectoplasma pode ser razoavelmente considerado como o fluido vital, substância viva constituinte da proto-forma sobre a qual a matéria comum se organiza. Essa

hipótese é sugerida pelos próprios seres inteligentes que se apresentam materializados. É a mesma dos teósofos e ocultistas, e das filosofias indus. As observações e estudos incipientes da metapsíquica vão confirmando esses conhecimentos intuitivos. A Ciência oficial nada tem a opor a tais hipóteses.

As levitações de corpos pesados, moldagens, e outros efeitos físicos, são explicáveis pela intervenção dessas formações ectoplasmáticas: algumas das fotografias obtidas nas sessões do Padre Zabeu corroboram essa suposição.



23

Cordões de ectoplasma.

Os fenômenos de transporte e de penetração da matéria pela matéria, são fatos admissíveis à luz dos conhecimentos da Física moderna. Os imensos vazios interatômicos, os corpúsculos materiais que se formam da energia radiante e nela desaparecem, e outros fatos igualmente revolucionários verificados nos laboratórios modernos da Ciência, abrem um amplo campo onde os fenômenos da metapsíquica encontram espaço vital suficiente e cômodo. Isso é uma conseqüência inevitável do progresso científico.

•

A maioria dos lidadores da Ciência não se ocupa ainda com tais fatos. É essa uma atitude prudente e lógica; as bases fundamentais das ciências especializadas não estão perfeitamente consolidadas e exigem toda a atenção e esforço desses espíritos analíticos. Apesar disso, é possível avançar com segurança pelas vias do conhecimento, bem mais

do que geralmente pensam as mentalidades positivas exaltadas. Há um grande cabedal de fatos relegados vulgarmente para o domínio exclusivo da fé, mas acessíveis à razão.

Aliás, Ciência, Filosofia, Religião, são três aspectos de uma mesma realidade — a experiência humana. Fomos lançados à vida e aí nos vemos entregues a nós mesmos. O desejo impele a todos na busca de um ideal. Há ideais mesquinhos e modestos, de felicidade e de poder, e há ideais sublimes e ilusórios, de beleza e de justiça. Lutas e dores, sofrimentos e desilusões, são os mestres capazes de ensinar o caminho para o único ideal da Vida — o Conhecimento. Esse conhecimento é um todo invisível. Como a Ciência em si é una — Física, Química, Biologia, são divisões úteis para o estudo — assim também Ciência, Filosofia, Religião, são limitações úteis na etapa inicial dos buscadores de ideais. Aspectos diversificados da mesma e única experiência humana.

As religiões organizadas apresentam métodos específicos para o progresso espiritual. Processos especulativos e processos utilitários são ali ensinados. Os primeiros levam às experiências místicas e à sensação de contacto com algo superior ao ambiente humano. Os segundos levam à obtenção de auxílio extra-humano pelas preces e votos. Os seguidores desses métodos sabem da sua inegável eficácia. Os que nunca os experimentaram, o ignoram.

Mas, para experimentar com resultados positivos é necessário crer; o fator mental é aí preponderante. E para crer, é preciso saber que tais métodos são eficientes. Para romper esse circulo vicioso, há um meio acessível à razão — procurar o que há de verdade nos fenômenos metapsíquicos. Examinar, meditar, compreender — aconselha a sabedoria oriental.

As obras de espíritos positivos, de cientistas de renome mundial — Richet, Crookes, Lombroso, Lodge —, ou de espíritos analíticos de comprovada capacidade — Conan Doyle, Flammarion, Bozzano, Myers — ou de muitos outros homens de inteligência lúcida e aberta, oferecem material vasto e suficiente para esclarecer o assunto.

Esse estudo demonstra de modo insofismável a intervenção de uma inteligência extra-humana em tais fenômenos. Há provas cabais da perfeita individualização de muitas dessas inteligências. Outros fatos estabelecem a identidade de algumas dessas individualidades inconfundíveis, com a de pessoas falecidas. De tudo se conclui não ser uma generalização muito arrojada admitir a sobrevivência humana. Tal conclusão tem bases tão sólidas e positivas como qualquer das teorias gerais da Ciência moderna.

Chegando a este ponto, a razão pode investir pelo terreno das religiões. As oriundas do Oriente Próximo — o cristianismo, o judaísmo, o islamismo — religiões dos povos ocidentais, e as do Oriente Médio — o bramismo e o budismo — constituem os dois únicos tipos específicos, bem definidos, de religiões universais.

No Ocidente, o espírito particularista da Ciência relegou a experiência religiosa para os claustros; só esporadicamente elas se tornam conhecidas. No Oriente a religião é vivida. As mais marcantes personalidades em todos os setores das atividades humanas, espíritos positivos e cultos, conhecem a experiência religiosa. Assim, o conhecimento religioso do Oriente superou o do Ocidente na mesma proporção em que o conhecimento científico de cá ultrapassou o de lá.



24

Cordões de ectoplasma e levitação de uma das cornetas fosforescentes.

O estudo dos sistemas filosóficos indus, mais metafísicos que propriamente religiosos, e das experiências dos *yogis*, é um caminho seguro para chegar ao conhecimento positivo e lógico dessa realidade. Todas as modernas descobertas da Ciência, assim como as da metapsíquica, ainda não alcançadas pela Ciência oficial, encontram ali o seu lugar. Os “absurdos” desaparecem à luz desses conhecimentos; o negativismo é um recurso desnecessário. Não há sombras; tudo é claro e racional. Há, sem dúvida, planos inatingíveis para a razão comum, mas não são necessárias interpretações capciosas para abrir lugar a novos conhecimentos conquistados em qualquer setor. Divisam-se caminhos pouco acessíveis — o ocultismo e a magia —, com seus métodos para dominar poderes que as religiões apenas propiciam. A razão pode encontrar ali um sentido para a vida. Experiências elementares podem mesmo ser feitas para verificar afirmações.

Por essas filosofias chega-se enfim a descobrir as bases sólidas e profundas de nossas religiões ocidentais. Descobrimos aqui riquezas ocultas sob a avalanche do formalismo; verdades abafadas sob densos mantos de temor; e mestres sublimes que se apresentam quando o espírito se liberta para recebê-los.



25

Cordões de ectoplasma terminando com uma mão mal formada justaposta ao disco levitado.

A mente purificada é então um elemento necessário para o progresso. Tal exigência é lógica; um espírito perturbado não penetra nos segredos da Ciência e da Filosofia, e muito menos, portanto, nos mais sutis da religião. Para alcançar tal requisito, todos os Mestres Máximos ensinam processos análogos; o Sermão da Montanha e o Sermão de Benares só diferem na forma; o espírito é o mesmo. E o mesmo espírito do Cristo Eterno que vem falando aos Homens em todos os tempos e em todos os lugares, por várias vozes.

Até este ponto podem trazer-nos os fatos invulgares narrados neste livro. Eles proporcionam os fundamentos necessários para evidenciar a existência de uma realidade oculta por detrás do nosso mundo de matéria e de energia. Esse conhecimento é o marco inicial de uma longa estrada que leva aos altiplanos onde começa a Religião.

Depois, métodos e mestres outros são precisos. Em todas as idades, homens de imensa estatura espiritual — Plotino, São João da Cruz, Viveka nanda — transpuseram o umbral da porta da Verdade. E nos narram as suas experiências. Livros inspirados — o Evangelho de São João, o Bhagavatgita, o Tao-Te-King — nos ensinam o caminho para chegar ali. A Humanidade possui outros livros como esses, nos quais se reflete

algo infinito e eterno. São livros diferentes, inconfundíveis com as grandes obras literárias ou de sabedoria e erudição humanas. Contêm páginas do Livro da Vida, como bem o disse o Mahatma Gandhi na sua introdução à Vida de Sri Ramakrishna. Livros que atravessam os milênios inspirando os sinceros, iluminando os puros, consolando os sofredores. Livros que nos falam quando nos envolve o silêncio dos desejos apaziguados.

Conta a Bíblia que “no vento impetuoso e rijo que transtorna os montes e esmigalha as pedras” não pôde o profeta temeroso encontrar o Senhor; “nem no tremor, nem no fogo que se acendeu após o tremor”. O mesmo se dá conosco; enquanto brame o vento impetuoso das ambições, e nos abalam desejos e vaidades, e ruge o fogo das paixões cegas, não podemos divisar a Verdade e alcançar a Paz. Mas eis que após essas violentas manifestações “ouvir-se-á uma branda viração”. E o profeta ouviu então a voz que lhe dizia: “Que fazes aqui, Elias?. .. Vai e torna ao teu caminho pelo deserto...”

Pelo deserto dos mundos dominados pelo medo e pela morte, nós vamos e tornamos. Um dia ouvia voz potente e eterna que só fala no silêncio. E os Livros da Vida começam então a revelar os seus segredos.

APÊNDICE

(1) O grupo espírita, dedicado e sincero, que colaborou decisivamente na criação do ambiente propício à realização de fenômenos de tal alcance, é formado por pessoas de integridade moral reconhecida, todas residentes em Pindamonhangaba, cujos nomes constam da relação abaixo:

Mário Amadei — Comerciante, presidente do G. E. Luiz Gonzaga.
Arnaldo Amadei — Industrial, diretor dos trabalhos nas sessões experimentais.
Francisco Antunes Bello — Apicultor, médium de efeitos físicos.
André Di Bernardi — Industriário.
A. San Martin Filho — Comerciante.
Gino Amadei — Industrial.
Guido Brandão Scaciota — Industriário.
João Rosseto Vitorazo — Oficial da Guarda Civil,
José Ávila — Funcionário ferroviário.
Júlio José da Silva — Oficial do Exército.
Vito Abatepaulo — Industrial.

(2) A estranheza e importância dos fenômenos narrados exige testemunhas responsáveis. Isso justifica citações pessoais e referências que as acompanham. A lista que se segue não implica em definição de credo religioso; é uma simples relação de pessoas que observaram os fatos narrados e dão dos mesmos o seu testemunho.

Dr. Alfredo José Balbi — Advogado e Inspetor Federal do Ensino Secundário.
Dr. Antônio Bruno Barbosa — Juiz Federal aposentado. Antônio Olavo Pereira — Editor.
Capitão Antônio Viegas da Silva — Oficial do Exército. Dr. Edson do Amaral — Médico.
Dr. Ernani Fonseca — Médico — Chefe do Centro de Saúde de Taubaté — Delegado Regional de Saúde.
Dr. Francisco Lessa Júnior — Médico da E. F. Campos do Jordão, ex-professor de Fisiologia, por concurso, da Escola de Farmácia e Odontologia de Pindamonhangaba, ex-professor de História Natural do Ginásio do (Estado em Taubaté e Municipal de Pindamonhangaba. Prof. Gentil Eugênio de Camargo Leite — Catedrático do Colégio Estadual de Taubaté, jornalista, delegado da Sociedade de Etnografia e Folklore de São Paulo. Dr. Gontran Reis — Advogado, consultor jurídico da Cia, Taubaté Industrial. Jaurés Guisard — Subgerente técnico da Cia. Taubaté Industrial.
Licurgo Barbosa Querido — Diretor da Casa Taubaté S/A.
Dr. Mário Aguiar — Juiz de Direito de Itápolis. Dr. Ortiz Monteiro Patto — Médico do Serviço Nacional de Tuberculose, Diretor da Instituição de Combate à Tuberculose em Taubaté.
Oswaldo Barbosa Guisard — Jornalista, Presidente da Cooperativa C. T. I.
Dr. Raul Guisard — Diretor Técnico da Cia. Taubaté Industrial, diretor do Banco do Vale do Paraíba, membro do Conselho Diretor da Sociedade Taubateana de Ensino.
Urbano Pereira — Engenheiro Civil, Diretor Técnico da Cia. Predial de Taubaté, ex-Catedrático de Física do Colégio Estadual de Taubaté, Diretor Geral da Sociedade Taubateana de Ensino e da Biblioteca Pública “Oscar do Amaral”.
Vitor Barbosa Guisard — Diretor do Banco do Vale do Paraíba e do “Correio do Vale do Paraíba”.

FONTES

As atas referidas neste livro se encontram, devidamente autenticadas, em livros do arquivo do Centro Espírita Irmã Terezinha, em Pindamonhangaba.

ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS

- 1 — Fotografia da chapa abdominal do Sr. André Di Bernardi, anterior à operação.
- 2 — Reprodução fotográfica das chapas abdominais do Sr. André Di Bernardi, posteriores à operação.
- 3 — Flagrante da intervenção cirúrgica a que se submeteu o Dr. Francisco Lessa Júnior
- 4 — Fotografia da intervenção a que se submeteu o Sr. Guido Brandão Scaciota, anterior aos trabalhos.
- 5 — Fotografia da intervenção a que se submeteu o Sr. Guido Brandão Scaciota, durante os trabalhos.
- 6 — A pedra quebrada, examinada por todos os presentes.
- 7 — A pedra, finda a segunda parte da sessão, sem qualquer sinal de ruptura.
- 8 — 9 — O velho disco enrolado durante os trabalhos.
- 10 — Fotografia tirada durante os trabalhos, vendo-se o disco enrolado suspenso sobre a vitrola.
- 11 — Fotografia ampliada do disco enrolado
- 12 — Moldagem em parafina.
- 13 — 14 — Arcadas dentárias do Padre Zabeu, reproduzidas em gesso.
- 15 — Moldagem em parafina.
- 16 — Moldagem em parafina.
- 17 — Moldagem em parafina.
- 18 — A sombra escura sobre o peito e o rosto do médium aí não se achava antes e depois da sessão.
- 19 — Fotografia tirada logo depois de acesas as luzes.
- 20 — Formação de ectoplasma sobre o rosto do médium.
- 21 — Cordões de ectoplasma.
- 22 — Cordões de ectoplasma ligando o médium ao disco levitado sobre a vitrola.
- 23 — Cordões de ectoplasma.
- 24 — Cordões de ectoplasma e levitação de uma das cornetas fosforescentes.
- 25 — Cordões de ectoplasma terminando com uma mão mal formada justaposta ao disco levitado.

Este livro, impresso na Gráfica Editora Hamburg Ltda. R. Apeninos, 294 - Aclimação - S.P., foi composto e manufaturado nas oficinas próprias do Instituto de Difusão Espírita, sitas à R. Emílio Ferreira, 123, em Araras, Estado de São Paulo, em dezembro de 1974. Fotolitos: Unida S/A.